

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE MEDICINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

PROFA. DRA. MARIA ANGÉLICA MELO E OLIVEIRA

**Trajetória acadêmica e contribuições à ciência, educação e sociedade**

Uberlândia - MG

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE MEDICINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

PROFA. DRA. MARIA ANGÉLICA MELO E OLIVEIRA

Memorial descritivo apresentado à Comissão Especial como requisito parcial para promoção à Classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior, conforme disposto na Portaria MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013, regulamentada na Universidade Federal de Uberlândia pela Resolução nº 3/2017, aprovada por seu Conselho Diretor.

Uberlândia - MG  
2025



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48t Oliveira, Maria Angélica Melo e,  
2025 Trajetória acadêmica e contribuições à ciência, educação e sociedade  
[recurso eletrônico] / Maria Angélica Melo e Oliveira. - 2025.

Memorial Descritivo (Promoção para classe E - Professor Titular) - Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina.

## Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5126>

Inclui ilustrações.

1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Medicina. II. Título.

CDU: 378.124

André Carlos Francisco  
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE MEDICINA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**Comissão Especial de Avaliação**

**Profa. Dra. Camila Lima Coimbra**  
Titular da Universidade Federal de Uberlândia – UFU

**Profa. Dra. Darlene Mara dos Santos Tavares**  
Titular da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - FMTM

**Profa. Dra. Sybelle de Souza Castro**  
Titular da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - FMTM

**Profa. Dr. Hélder Eterno da Silveira (Suplente)**  
Titular da Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Uberlândia - MG

2025

Dedico este memorial aos professores que, com compromisso ético e generosidade intelectual, contribuíram significativamente para minha formação e trajetória acadêmica; aos estudantes, cuja curiosidade, empenho e troca constante renovam diariamente o sentido do ensinar; e aos pacientes, cuja confiança, coragem e humanidade representam a essência do cuidado e a razão maior do nosso fazer profissional.

A cada um, meu respeito, admiração e sincera gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para minha trajetória profissional e acadêmica.

Aos meus filhos e familiares, meu amor e agradecimento especial pelo apoio incondicional, paciência e compreensão em todos os momentos. A presença e o incentivo de vocês foram fundamentais para que eu pudesse seguir com dedicação este caminho.

Aos colegas de trabalho, agradeço pela parceria, pelo espírito colaborativo e pelas trocas enriquecedoras ao longo dos anos. Cada diálogo, desafio superado e conquista partilhada ajudaram a construir um ambiente de crescimento mútuo e aprendizado constante.

Aos técnicos e professores da universidade, deixo meu sincero reconhecimento pela excelência, compromisso e dedicação com os quais exercem suas funções. Vocês foram fundamentais na consolidação do meu percurso acadêmico, contribuindo com saberes, orientações e apoio nas mais diversas etapas.

Aos amigos e amigas que tive a alegria de encontrar ao longo da vida universitária, agradeço pela convivência generosa, pelas conversas, pelo companheirismo e pela leveza que trouxeram aos dias desafiadores. Levo comigo memórias e laços que seguirão vivos para além dos muros da instituição.

Agradeço, também, à universidade pública, espaço de formação, reflexão e transformação social, e ao Estado que a financia, garantindo não apenas o funcionamento da instituição, mas também a valorização do trabalho de seus profissionais. O investimento público na educação é um compromisso com o futuro, e sinto-me honrada por fazer parte dessa missão coletiva.

A todos e todas, meu muito obrigado.

## RESUMO

Este memorial sintetiza minha trajetória acadêmica, marcada pela atuação integrada no ensino, pesquisa, extensão e gestão no ensino superior público. Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela antiga Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (atual UFTM), iniciei a carreira docente no Centro de Formação Especial em Saúde (CEFORDES), colaborando na formação de técnicos em enfermagem e em projetos de qualificação profissional na área da saúde.

Na pós-graduação, desenvolvi pesquisas voltadas à farmacologia experimental aplicada à oncologia em parceria com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP-FMRP), participando no desenvolvimento de dissertações, pesquisas de iniciação científica e trabalhos de conclusão de curso. Os estudos foram orientados para a saúde da mulher, com ênfase no câncer de mama, integrando ações extensionistas e assistenciais.

Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), consolidei minha trajetória acadêmica, assumindo atividades na graduação, pós-graduação e gestão educacional. Coordenei o curso de Enfermagem, o Programa de Residência Multiprofissional em Oncologia e diversas comissões e núcleos permanentes e temporários. Promovi ações extensionistas voltadas à detecção precoce do câncer de mama, ao acolhimento de usuários em tratamento quimioterápico e radioterápico e à formação docente, coordenando projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Atualmente, coordeno a Comissão de Residência Multiprofissional em Saúde (COREMU/UFU) e presido a Comissão Descentralizada de Residência Multiprofissional em Minas Gerais (CODEMU-MG), articulando ações estratégicas para o fortalecimento da formação multiprofissional em saúde.

Ao revisitar minha trajetória no magistério superior, reafirmo o compromisso ético e dedicado com as responsabilidades assumidas no ensino, pesquisa, extensão e gestão universitária. Em cada etapa, busquei contribuir de forma significativa para a

formação de profissionais de saúde e para o fortalecimento do ensino público de qualidade, integrando rigor acadêmico e sensibilidade humana.

Por trás de cada conquista institucional, permaneceu minha presença íntegra, marcada pelas imperfeições e desafios inerentes à vida real. Convivi com perdas profundas, cansaços acumulados, frustrações inevitáveis. Mas também encontrei forças na coragem, na resiliência e na capacidade de me reinventar. Foi nesse equilíbrio - entre o rigor do trabalho e a sensibilidade da experiência - que construí minha trajetória docente: com responsabilidade, afeto e entrega.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	TRAJETÓRIA PROFISSIONAL NA CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR .....	11
2.1	De 1992 a 2008: Da formação e dos primeiros passos .....	11
2.1.1	Formação em Enfermagem .....	11
2.1.2	Do primeiro emprego como professora.....	13
2.1.3	Do mestrado e da conclusão de vínculo empregatício no CEFORES .....	16
2.1.4	Do doutorado e da conclusão de vínculo no ensino e pesquisa na FMTM.....	19
2.2	De 2008 a 2025: Da chegada à UFU até os dias atuais .....	21
2.2.1	Primeiras atividades e desafios iniciais.....	21
2.2.2	Ensino .....	23
2.2.3	Pesquisa.....	29
2.2.4	Extensão .....	32
2.2.5	Gestão.....	34
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	47
	ANEXO 1 .....	49
	ANEXO 2 .....	50
	ANEXO 3 .....	52

## 1 INTRODUÇÃO

Este memorial tem por finalidade apresentar a trajetória acadêmica e profissional desenvolvida ao longo da carreira docente, com vistas à Promoção na Carreira do Magistério Superior para a Classe de Professor Titular, em conformidade com a Resolução nº 03/2017 do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Nos termos do Art. 7º da mencionada resolução, a promoção da Classe de Professor Associado IV para a Classe de Professor Titular requer a demonstração de dedicação institucional efetiva ao ensino, à gestão, à extensão ou à pesquisa, com atuação obrigatória no ensino e na extensão ou no ensino e na pesquisa, em consonância com os arts. 2º e 3º da Portaria MEC nº 982, de 3 de outubro de 2013. Além disso, o docente deverá atender, cumulativamente, aos seguintes requisitos:

- I. Possuir o título de Doutor (Anexo 1);
- II. Estar há, no mínimo, 24 (vinte e quatro) meses no último nível da Classe de Professor Associado, conforme data da última progressão constante no histórico emitido pela PROGEP/DIADO (Anexo 2);
- III. Obter aprovação no Relatório de Atividades pela Unidade, com a devida comprovação da pontuação mínima estabelecida para o interstício de 24 meses, conforme o Anexo 2 da Resolução (Anexo 3);
- IV. Ser aprovado por Comissão Especial, mediante:
  - a. Apresentação e defesa pública, presencial ou a distância, via web, de Memorial que aborde de forma criteriosa e sistemática as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção técnico-científica, em consonância com os arts. 5º e 6º da Portaria MEC nº 982/2013; ou
  - b. Apresentação e defesa pública de tese acadêmica inédita, elaborada e defendida especificamente para a finalidade de promoção à Classe de Professor Titular.

Nesse contexto, o presente memorial foi elaborado com o objetivo de evidenciar as contribuições acadêmicas, científicas e institucionais desenvolvidas ao longo da trajetória docente, destacando as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão, bem como a produção técnico-científica e a repercussão das ações realizadas no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia.

A princípio, escrever este memorial se revelou um desafio, pois despertou em mim algumas reflexões e inquietações. A primeira refere-se à pertinência deste documento, uma vez que meu desempenho no ensino, extensão, pesquisa e na gestão acadêmica já foi avaliado e aprovado pela unidade acadêmica de lotação e pela universidade em cada etapa de progressão ou promoção na carreira, mediante comprovação documental.

Contudo, ao buscar justificativas pessoais para a escrita deste memorial, comprehendi, após leituras sobre o tema, que ele não se restringe a um mero registro formal de conquistas e certificações. Trata-se, sobretudo, de uma narrativa sobre minha trajetória profissional, incluindo fatos que, embora nem sempre documentados oficialmente, foram determinantes para minhas escolhas acadêmicas. Assim, reconheço que este memorial deve relatar experiências vividas ao longo de um período que influenciou, direta e indiretamente, minha identidade docente, permitindo também referências à minha história pessoal.

Apesar dessa compreensão, uma segunda questão surgiu: a subjetividade inerente ao memorial e os critérios de sua avaliação. Como se aprova ou reprova uma história de vida? Não bastariam os certificados e documentos comprobatórios? Essas indagações refletem minha necessidade de encontrar sentido nas coisas para poder avançar. Talvez esse seja meu principal traço: sentir-me segura naquilo que faço e naquilo que devo enfrentar.

Superadas essas reflexões iniciais, acolhi o papel fundamental deste memorial no processo de promoção à carreira docente. Adotando uma abordagem qualitativa e subjetiva, apresentarei minha trajetória pessoal e acadêmico-profissional, contextualizando-a no tempo histórico e no cenário social e político que a influenciaram.

As narrativas aqui apresentadas fazem sentido para mim, na medida em que ressignificam trajetórias vividas e escolhas realizadas ao longo do caminho. Espero, sinceramente, que também façam sentido aos leitores. Como bem expressa Clarice Lispector em *Água Viva* (Rio de Janeiro: Rocco, 1998), “à duração de minha existência atribuo uma significação oculta que me ultrapassa”. Reconheço-me como um ser simultâneo, que carrega em si o passado, o presente e o futuro — o tempo que pulsa no compasso dos relógios”.

## 2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL NA CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

### 2.1 De 1992 a 2008: Da formação e dos primeiros passos

#### 2.1.1 Formação em Enfermagem

Sou natural da vizinha cidade de Uberaba-MG, onde cursei Graduação em Enfermagem e Obstetrícia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), então denominada Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM). Ingressar e concluir o ensino superior foi um grande desafio para mim por diversos motivos. Sou a sétima filha de pais nascidos no início da década de 1930, meu pai em 1928 e minha mãe em 1930, que preservavam os costumes da família tradicional à época, sobretudo aqueles que definiam o papel da mulher na sociedade. Para eles, por longas décadas, e acho que até os dias atuais para a mamãe - viva e lúcida aos seus 95 anos de idade - prevaleceu o modelo de mulheres subservientes. A educação da mulher deveria prepará-la para o casamento, no qual o homem seria o provedor da casa, além da maternidade. Cresci inserida nesse contexto, no qual aprendíamos sobre a importância de encontrar um bom marido.

A universidade não era vista como uma necessidade, mas sim como uma alternativa, desde que não comprometesse o futuro papel de esposa e mãe. Enquanto meus irmãos cursaram Engenharia Civil e Direito, minhas três irmãs concluíram a formação como Normalistas e se casaram aos 19 ou 20 anos. Assim, o ingresso na universidade foi, para mim, um ato de coragem e resistência. Foi a quebra de um ciclo, um passo em direção à autonomia que tantas mulheres antes não puderam dar. O estudo se tornou não apenas um meio de ascensão profissional, mas uma ferramenta de libertação, de reconhecimento de que eu poderia ser muito mais do que um papel previamente definido. Com o passar do tempo meus pais foram apoiando minhas escolhas e demonstrando forte orgulho e reconhecimento daquilo que alcançava.

Quando ingressei no curso de Enfermagem, em 1992, a faculdade oferecia apenas dois cursos: Medicina (desde 1954) e Enfermagem (desde 1989), que ainda formava sua primeira turma. O curso de enfermagem era ainda muito jovem, mas contava com o envolvimento e empenho singulares dos professores enfermeiros vindos de centros renomados na área. Foram grandes desbravadores, ávidos pelo

sucesso do curso e incansáveis na busca por uma formação de qualidade para seus alunos e futuros enfermeiros. Lembro dos meus professores - Ana Carolina, Ana Lúcia, Dalbério, Darlene, Eliana Biffi, Eliana Scarelli, Fátima, Helena, Marcelo Medeiros, Marcia Tasso, Maria Lúcia, Ricardo, Sueli Riul e Suzel - com muita gratidão e admiração e, entre eles, destaco a Profa. Enf<sup>a</sup> Dra. Maria Lúcia Cardoso, primeira coordenadora do curso e grande exemplo de coragem e determinação.

Quanta bravura dessa Mulher (sim, com M maiúsculo) ao implantar um curso de enfermagem no início da década de 90 - período em que a profissão já enfrentava, e ainda enfrenta, preconceitos de raça, gênero e imagem - dentro de uma faculdade tradicionalmente médica, majoritariamente composta por homens, tanto entre docentes quanto entre estudantes. Além de corajosa e determinada, Maria Lúcia era uma talentosa escritora de poemas que exaltavam a mulher na vida e na sociedade. Tive o privilégio de ouvi-los em sua própria voz e dramatização em diversos encontros acadêmicos. A força de Maria Lúcia e sua paixão pela enfermagem foram minha primeira e maior inspiração.

Tantos outros professores participaram da minha formação. Enquanto os docentes enfermeiros concentravam-se nos eixos específicos da profissão, os docentes médicos do curso de Medicina eram responsáveis pelo ensino das disciplinas da área básica. Esse modelo, marcado pela dedicação, seriedade e rigor característicos da época, proporcionou-me uma formação sólida e abrangente.

A FMTM, como carinhosamente continuarei a chamar a UFTM neste memorial, foi um espaço de aprendizado e crescimento, onde vivenciei experiências que influenciaram diretamente minhas escolhas acadêmicas. Entre elas, destaco minha participação na monitoria acadêmica da disciplina de Farmacologia. Durante quatro semestres consecutivos – metade do meu percurso na graduação – tive a oportunidade de desenvolver atividades pedagógicas e científicas sob a supervisão de docentes que se tornaram referências e incentivadores em minha trajetória no ensino e, mais tarde, na pesquisa.

Em meados de 1995, ainda durante a monitoria e seis meses antes de minha formatura, fui indicada pelo professor Dr. Djalma Abrão, juntamente com o técnico de laboratório da Farmacologia, Zé Goulart, para ministrar a disciplina “Matemática Aplicada e Cálculo de Medicações” aos estudantes do curso técnico de Enfermagem oferecido pelo Centro de Formação Especial de 2º Grau em Saúde (CEFORES) da FMTM, hoje Centro de Educação Profissional da UFTM. Pouco tempo depois, em

novembro de 1995, fui oficialmente admitida para essa atividade de ensino (Figura 1), dando início ao meu vínculo empregatício como professora, registrado em carteira de trabalho, o qual perdura até os dias atuais em outra instituição.

12	CONTRATO DE TRABALHO	
Empregador		
Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro		
CGC/MF 25.437.134/0001-61		
Rue Frei Paulino nº 30		
Município Ubauba Est. MG		
Esp. do estabelecimento Ensino Superior		
Cargo Professor de 1º e 2º graus		
CBO nº 01		
Data admissão 01 de novembro de 1995		
Registro nº 1551 Ficha		
Remuneração especificada R\$ 81,27 (Duzentos e oitenta e um reais e vinte e sete centavos) flauta		
Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro		
Ass. do empregador ou a rogo c/ test.		
Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro		
1º 2º		
Data saída 30 de junho de 1999		
Ass. do empregador ou a rogo c/ test.		
Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro		
Com. Dispensa CD Nº.....		
20054326/001-09		
Empregador		
FUNDAÇÃO DE ENSINO E PESQUISA DE UBERABA		
CGC/MF 001.000.000-00		
Rua BIA FELIPE DOS SANTOS, 88		
Município UBERABA - MG		
Esp. do estabelecimento		
Cargo Prof. de 1º e 2º grau		
CBO nº		
Data admissão 01 de julho de 1979		
Registro nº 2467 Fis/Ficha 2467		
Remuneração especificada R\$ 338,00 (trezentos e trinta e oito reais e zero por cento)		
Ass. do empregador ou a rogo c/ test.		
Dr. Jaime Gómez Marques		
Dir. Adm. FUNEP		
1º 2º		
Data saída 00/01/01 0003		
Ass. do empregador ou a rogo c/ test.		
Fundação de Ensino e Pesquisa de Uberaba		
FUNEP		
1º		
Com. Dispensa CD Nº.....		

 Digitalizado com CamScanner

Figura 1. Acervo da Autora

O CEFORES teve um papel marcante em minha trajetória. À medida que o Centro buscava se consolidar na formação técnica de profissionais da saúde, eu me dedicava cada vez mais ao meu desenvolvimento como professora e aos desafios da docência. Um desses desafios foi minha participação na qualificação dos auxiliares de enfermagem do Hospital Escola (HE) da FMTM (hoje Hospital de Clínicas da UFTM).

### 2.1.2 Do primeiro emprego como professora

A criação do CEFORES ocorreu em um período de reestruturação do país, apenas dois anos após a Constituição de 1988. Época que marcou o fim do regime militar e que a educação profissional enfrentava desafios significativos, exigindo mudanças estruturais e metodológicas urgentes. Ao mesmo tempo, o sistema de saúde pública também passava por transformações expressivas, adotando a formação de profissionais da saúde como uma estratégia essencial.

Nesse contexto histórico, cinco anos após meu ingresso no CEFORES, em 2000, foi instituído o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área da Enfermagem (PROFAE), iniciativa do Ministério da Saúde para qualificar trabalhadores de enfermagem no Sistema Único de Saúde (SUS). Em Uberaba, a implementação do PROFAE ficou sob a responsabilidade do CEFORES, tendo como foco inicial a formação de auxiliares de enfermagem do HE/FMTM. Desde a publicação do programa, e sob a coordenação do Prof. Célio, enfermeiro da unidade de internação neurológica do hospital, participei ativamente do planejamento e da organização das atividades teóricas e práticas. Para atuar no referido projeto, participei de um processo de capacitação promovido pelo Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação, que me habilitou como uma das quase 500 tutoras qualificadas para a iniciativa. O programa foi concluído na FMTM em 2005, com a formação de aproximadamente 300 auxiliares de enfermagem.

Dar aulas para esse grupo de profissionais, a princípio, não foi uma tarefa simples. As aulas teóricas aconteciam à noite, reunindo trabalhadores que já haviam cumprido jornada durante o dia, muitos deles em turnos duplos, pela manhã e à tarde e, desse modo, chegavam frequentemente cansados e desinteressados. A maioria atuava na enfermagem por tempo suficiente para terem consolidado pré-conceitos e resistência a novos ensinamentos. Outro desafio era a dificuldade de comunicação, pois muitos enfrentavam barreiras na compreensão de termos técnicos ou de uma linguagem mais formal.

Para mantê-los interessados e participativos por mais tempo, conduzia as aulas explorando suas experiências, usando-as como ponto de partida para discutir os conteúdos. Como estratégia de incentivo, costumava levar pequenos brindes — canetas, balas, prendedores de cabelo feitos por mim — para sortear ou premiar a participação nas atividades. Não deixava de ser uma barganha, mas funcionava de certo modo. Com o tempo e a convivência, os laços se fortaleciam, e a confiança substituía a resistência inicial. E assim, utilizando a afetividade como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, fui alcançando meus objetivos com cada turma.

Enquanto atuava no CEFORES (1995-2003), busquei constantemente meu desenvolvimento profissional por meio de formações complementares. Em 1997, ingressei na Especialização em Gestão dos Serviços de Saúde Pública e Hospitalar, ofertada pela Universidade de Ribeirão Preto, motivada pelo desejo de aprofundar meus conhecimentos em gestão, uma área pela qual sempre tive interesse.

Acreditava que essa formação me permitiria aplicar novos aprendizados à enfermagem e contribuir para a melhoria dos serviços de saúde. Ao concluir a especialização, enxerguei novas possibilidades na área, mas minha trajetória logo tomou outro rumo.

Na mesma época, enquanto lecionava no CEFORES e concluía a especialização, também atuava como professora convidada na disciplina de Farmacologia da FMTM. Essa experiência foi fundamental para meu aprimoramento acadêmico e profissional na área de ciências da saúde. O ensino superior exigia elevada dedicação, especialmente em razão da necessidade de aprofundamento teórico. Meus estudos eram intensos e, na maior parte do tempo, realizados em casa, onde precisava conciliar minhas responsabilidades com os filhos pequenos, o marido e as demandas da vida doméstica. Apesar dos desafios desse período, ele foi essencial para o desenvolvimento de um método pessoal de estudo, que sigo até hoje, e para o reconhecimento acadêmico que recebi, evidenciado por convites para palestras, mediação de eventos e homenagens de formandos, dentre outros.

Em 1999, a Farmacologia recebeu o retorno da Profa. Dra. Beatriz Martins Tavares Murta, que havia concluído seu doutorado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP/USP), sob a orientação do Dr. Sérgio Henrique Ferreira, cientista reconhecido em todo o mundo pela sua descoberta da síntese de bradicinina (mediador envolvido na inflamação, vasodilatação e hipotensão) que contribuiu para o desenvolvimento da droga anti-hipertensiva mais popular no Brasil e no mundo: Captopril®. A chegada de Beatriz trouxe grande entusiasmo à comunidade acadêmica, e, por meio dela, surgiu a oportunidade de ingressar no mestrado. Apesar da insegurança inicial, aceitei o desafio, ciente das expectativas envolvidas.

Em 2000, iniciei minha participação no Programa de Pós-Graduação em Patologia, área Clínica, como aluna especial, envolvida em disciplinas e ensaios clínicos conduzidos pela Profa. Beatriz em parceria com a FMRP/USP e o recém-criado Instituto de Pesquisa em Oncologia (IPON/FMTM), liderado pelo Prof. Dr. Eddie Murta. Em 2001, fui aprovada para ingresso no curso de mestrado e, simultaneamente, para o cargo de professora substituta na disciplina de Farmacologia. Esse período foi particularmente intenso e marcado por experiências profundamente enriquecedoras. As escolhas feitas ao longo desse percurso mostraram-se interligadas e decisivas para os rumos que minha trajetória acadêmica viria a tomar, consolidando minha convicção de que há um propósito inerente tanto

nas ações que realizamos quanto nas oportunidades que, por diferentes razões, deixamos de seguir.

### **2.1.3 Do mestrado e da conclusão de vínculo empregatício no CEFORES**

Durante o mestrado (e posteriormente no doutorado), minha pesquisa foi desenvolvida com mulheres em tratamento quimioterápico para o câncer de mama atendidas no ambulatório de Mastologia do HE/FMTM. Para a seleção das participantes, acompanhei os atendimentos médicos desde as consultas para diagnóstico clínico e patológico até o tratamento clínico. Essa experiência proporcionou não apenas a realização da pesquisa, mas também o desenvolvimento de diversas outras atividades motivadas por diferentes razões.

Havia um sentimento de profunda compaixão pelas mulheres que recebiam a confirmação do diagnóstico, muitas vezes em estágio avançado da doença. Grande parte possuía menos de 50 anos e era mãe de crianças pequenas. Naquele período (e ainda hoje), o câncer de mama era a principal causa de morte por câncer entre as mulheres brasileiras, sendo a alta taxa de mortalidade associada ao diagnóstico tardio. Diante desse cenário, durante os dois anos do mestrado, liderei um grupo de estudantes de graduação na realização de ações educativas voltadas à detecção precoce do câncer de mama.

Uma vez por semana, eu e alguns estudantes estávamos no calçadão da Rua Artur Machado ou na Praça Rui Barbosa - região central de Uberaba, onde se concentravam, respectivamente, o principal comércio da cidade e o terminal de ônibus coletivo - promovendo atividades educativas. Essa experiência foi singular. Em diversas ocasiões, anos depois, em eventos sociais ou no ambiente de trabalho, fui reconhecida por pessoas que se lembravam do encontro que tivemos nas ruas. Era como se, de alguma forma, eu fizesse parte de suas histórias e elas da minha.

As ações educativas ganharam um novo formato a partir de 2003, estendendo-se até meados de 2006, quando passei a realizar consultas de enfermagem para mulheres em situação de vulnerabilidade social em um Centro Espírita no Bairro Boa Vista, localizado próximo ao Parque Jacarandá. O objetivo era realizar o exame clínico das mamas e orientar as mulheres quanto às práticas de prevenção e detecção precoce do câncer de mama. Essa atividade foi extremamente gratificante. Conseguí estabelecer uma articulação com profissionais médicos, destacando o Dr. Donizete, à

época residente da Mastologia da FMTM e atualmente chefe do setor de Mastologia do Hospital de Clínicas (HC) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), para garantir atendimento às mulheres identificadas com sinais clínicos suspeitos e que necessitavam de exames complementares. Além disso, contei com a parceria do técnico do laboratório de farmacologia, Januário, bacharel em Direito, que oferecia, de forma voluntária e gratuita, aconselhamento jurídico no mesmo dia dos atendimentos, sempre aos sábados, no período da tarde. A crescente adesão da comunidade ao nosso serviço evidenciava a importância do acolhimento e da abordagem multiprofissional adotada.

Uma outra experiência significativa durante esse período foi minha participação no atendimento às participantes do estudo durante a administração semanal de quimioterapia, realizada às sextas-feiras pela manhã, embora não fosse um objetivo do estudo. Durante o período dedicado ao diagnóstico e à definição da conduta médica, estabeleci com as pacientes um vínculo que despertou em mim um profundo sentimento de cuidado para com as mulheres nesse momento particularmente delicado. Minha decisão de acompanhá-las durante a quimioterapia visava não apenas oferecer suporte emocional, mas também fortalecer o vínculo terapêutico, reconhecendo a relevância do cuidado integral no tratamento do câncer.

Nessas ocasiões de quimioterapia, a enfermeira responsável era a Dra. Sueli Riul, que atuava voluntariamente. Sueli foi minha professora na graduação, especificamente na disciplina de Ginecologia e Enfermagem Obstétrica. Entretanto, foi durante o desenvolvimento da pesquisa no mestrado que nossos laços se estreitaram. A seu convite, ao longo dos seis anos seguintes, colaborei semestralmente na disciplina de Ginecologia e Obstetrícia do curso de graduação em Enfermagem, ministrando conteúdos voltados à enfermagem clínica e à farmacologia aplicadas à ginecologia geral, câncer ginecológico e de mama. Essa parceria estendeu-se, mais tarde, à minha participação no grupo de pesquisa liderado pela Dra. Sueli, bem como em bancas examinadoras de qualificações de mestrado e doutorado, além de defesas de dissertações e teses de suas orientandas. Da mesma forma, a Dra. Sueli avaliou as dissertações que orientei durante meu período na UFU a partir do ano de 2008.

No que tange ao desenvolvimento técnico da pesquisa para a dissertação, é importante ressaltar suas repercussões em minha trajetória. O estudo envolveu a utilização de tecnologias avançadas, sendo grande parte das análises realizadas no

Laboratório do Departamento de Farmacologia da FMRP/USP, sob liderança do renomado pesquisador em resposta inflamatória Prof. Dr. Fernando Cunha de Queiroz que tinha até 2019, conforme dados da *Web of Sciences*, nada mais que um total de 545 trabalhos publicados em revistas de altíssimo fator de impacto e indexados na base de dados *Pubmed*.

Apesar de meu desconhecimento inicial sobre farmacologia experimental, aos poucos adquiri essa nova competência, graças à orientação dos técnicos de laboratório da FMTM e da USP, além dos longos períodos de estudo. Foi, sem dúvida, um período intenso. Eu conciliava diversas atividades: o trabalho no CEFORES, a docência em farmacologia, o acompanhamento das pacientes no ambulatório de Mastologia, as atividades de extensão, a leitura e produção de artigos científicos, a participação e apresentação de trabalhos em eventos nacionais e internacionais, além das viagens mensais a Ribeirão Preto/SP para o transporte do material biológico e a realização de parte das análises experimentais.

O ritmo na USP era extremamente exigente: iniciávamos as atividades no laboratório às 6h30 e encerrávamos por volta da meia-noite. No dia seguinte, tudo se repetia, e eu gostava desse dinamismo. Cheguei a considerar a possibilidade de estabelecer-me profissionalmente por lá. No entanto, a decisão não era simples. Eu já era mãe e vivia um casamento tradicional, enraizado em Uberaba-MG. Cada viagem para Ribeirão Preto/SP era motivo de conflito, pois minha família, permanecendo em Uberaba, não compreendia as razões que me afastavam de casa por alguns dias a cada mês. A situação se tornava ainda mais difícil quando as atividades envolviam os finais de semana.

Finalmente, o mestrado terminava. Concluir a redação da dissertação e preparar sua apresentação exigiu de mim muito esforço e dedicação. Naquela época, a disponibilidade de artigos científicos em bases de dados online era limitada, o que nos obrigava a recorrer à biblioteca para o serviço de comutação bibliográfica. Frequentemente, os documentos solicitados demoravam a chegar ou, em alguns casos, nem mesmo eram obtidos. Além disso, os recursos audiovisuais para as aulas ainda eram restritos em termos digitais. Para se ter uma ideia, os *slides* da minha defesa, produzidos no PowerPoint®, foram gravados em disquetes e convertidos para projeção em retroprojetores e projetores de slides no modelo carrossel. Eu temia que algum imprevisto pudesse comprometer minha apresentação. No entanto, após várias sessões de ensaio com minha orientadora, que cronometrava o tempo, fazia

correções e sugeria melhorias, eu estava preparada. Tinha treinado tanto que, mesmo diante de uma falha elétrica ou de problemas técnicos nos equipamentos, ainda assim conseguiria apresentar meu trabalho com segurança.

Concluí o mestrado simultaneamente ao encerramento do meu contrato como professora substituta. Naquele momento, também decidi finalizar minhas atividades no CEFORES, reconhecendo os sinais de exaustão física e mental. Sentia a necessidade, e o desejo, de dedicar um tempo à minha família e a mim mesma, buscando um período de tranquilidade para refletir sobre os caminhos percorridos e planejar os próximos passos. No entanto, dada minha natureza inquieta e ansiosa, esse intervalo não transcorreu exatamente como eu havia imaginado.

#### **2.1.4 Do doutorado e da conclusão de vínculo no ensino e pesquisa na FMTM**

Os resultados obtidos durante o mestrado fundamentaram a continuidade das pesquisas sobre os efeitos da quimioterapia no câncer de mama. Nesse contexto, além de dar sequência ao ensino de farmacologia na graduação, novamente como convidada e posteriormente como substituta, participei ativamente da elaboração de um projeto de pesquisa que veio a ser aprovado e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) em 2004, permitindo meu retorno à pós-graduação como doutoranda.

O ingresso no doutorado deu-se no mesmo Programa de Pós-Graduação cursado durante o mestrado, com a tese desenvolvida sob a orientação da mesma professora e mantendo as parcerias previamente estabelecidas. As investigações continuaram centradas em mulheres com câncer de mama em tratamento quimioterápico e esse aprofundamento propiciou novos desdobramentos, ampliando as perspectivas científicas e de extensão relacionadas ao tema.

No contexto dessa trajetória, fui responsável pela elaboração de um projeto submetido à campanha "Um Beijo pela Vida", do Instituto Avon, o qual foi aprovado e recebeu financiamento. Os recursos obtidos foram destinados à aquisição de materiais de consumo necessários para a realização de punções core biópsia - procedimento que utiliza uma agulha especial para a remoção de fragmentos de tecido de lesões suspeitas, permitindo a análise patológica detalhada. Esse aporte possibilitou maior qualidade e abrangência na coleta de amostras, além de conferir mais agilidade na obtenção de diagnósticos e no início do tratamento antineoplásico.

Minha participação no projeto proporcionou a oportunidade de integrar encontros formativos em São Paulo, promovidos pelo Instituto Avon. Nessas ocasiões, foi possível refinar o projeto e promover o intercâmbio de experiências e conhecimentos com profissionais especialistas vinculados a instituições de referência, como o Hospital Sírio-Libanês, além de outros participantes da Campanha. Além disso, a iniciativa teve repercussão em jornais e televisão local, contribuindo para a disseminação dos resultados e para o fortalecimento da conscientização sobre a importância da detecção precoce e do tratamento do câncer de mama. No entanto, em pouco tempo, o protagonismo do projeto foi assumido pela equipe de médicos mastologistas do HE/FMTM e, confesso que essa experiência, somada a tantas outras, me trouxe um profundo desgosto, que mais tarde compreendi como um dos fatores que contribuíram para minhas escolhas na trajetória como pesquisadora.

Durante os quatro anos de minha formação no doutorado, fui contemplada com bolsa do Programa de Demanda Social da CAPES, um suporte fundamental para a dedicação exclusiva às atividades acadêmicas e científicas. Esse investimento público implicou uma responsabilidade ampliada, exigindo não apenas maior qualidade na condução da pesquisa, mas também comprometimento com a disseminação do conhecimento e a formação de novos pesquisadores. Neste sentido, atuei ativamente no desenvolvimento de dissertações e, posteriormente, de teses orientadas pela Profa. Beatriz. Minhas contribuições envolveram o apoio na definição de metodologias, organização, execução e análise de dados experimentais. Além disso, participei da orientação de alunos de iniciação científica, auxiliando na formulação de hipóteses, condução de experimentos e interpretação dos achados. Esse processo de mentoria não apenas fortaleceu minha formação como pesquisadora, mas também contribuiu para a capacitação de novos estudantes na área, promovendo a continuidade das investigações dentro do grupo de pesquisa.

Durante esse período, participei de diversas atividades, incluindo representações em espaços formais de decisão, como o Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Patologia, para o qual fui eleita pelos pós-graduandos em duas ocasiões. Promovi a capacitação de estudantes e professores sobre o diagnóstico precoce do câncer de mama e o exame clínico das mamas, preparando-os para integrarem o Projeto Rondon no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Também, a convite do Prof. Dr. Valdo, docente da Fisiologia/FMTM que iniciava seus estudos sobre o uso de células-tronco em cardiopatias, ministrei aulas de farmacologia

cardiovascular, conteúdo sob minha responsabilidade, para seus pós-graduandos e orientandos.

No laboratório da Farmacologia/FMTM contribuí com a elaboração de uma apostila detalhando todas as técnicas adotadas à época nas pesquisas coordenadas pela Profa. Beatriz e que ainda é utilizada com a inclusão de novas técnicas e ajustes que se fizeram necessários. Como não poderia ser diferente, apresentei os resultados parciais da tese e de outros trabalhos desenvolvidos pelo grupo em congressos, simpósios e demais eventos científicos, quase todos realizados fora de Uberaba e voltados à Farmacologia e Terapêutica Experimental, à Oncologia e à Mastologia. Assim, o tempo transcorreu até a conclusão do doutorado.

Durante o período de finalização da redação da tese, em 2008, conciliei essa etapa desafiadora com a preparação para o concurso público para professor de 3º grau no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Uberlândia. Esse processo exigiu grande dedicação aos estudos, sendo realizado, sobretudo, durante as madrugadas e nos finais de semana livres. Nesse período, vivenciei um momento difícil em minha vida pessoal, marcado pelo adoecimento de minha irmã por câncer. Apesar das adversidades, mantive o foco na concretização do meu objetivo de ingressar definitivamente na docência, agora voltada especificamente à área de minha formação. Fui aprovada no concurso em maio de 2008, iniciei minhas atividades na UFU em novembro do mesmo ano e defendi minha tese em março de 2009.

## **2.2 De 2008 a 2025: Da chegada à UFU até os dias atuais**

### **2.2.1 Primeiras atividades e desafios iniciais**

Meu maior desejo sempre foi atuar como professora efetiva no ensino superior em Uberaba, desde que em uma instituição pública. Ser aprovada para trabalhar em outra cidade, mesmo que relativamente próxima, gerou em mim grande ansiedade e dúvidas sobre qual caminho seguir: permanecer em Uberaba e aceitar a docência em uma universidade particular, para a qual havia sido convidada, ou enfrentar os desafios de uma mudança em todos os sentidos. Nunca havia planejado deixar minha cidade natal, e esse processo foi permeado por uma sensação de insegurança, talvez reflexo da forma como internalizei minha criação conservadora e rigorosa. Sempre

tive dificuldades em lidar com mudanças no cotidiano e em meus planos, o que tornou tudo ainda mais desafiador, especialmente na fase final da tese - a mais difícil de todo o percurso.

Enquanto lecionei Farmacologia, uma disciplina básica nos cursos da saúde, alimentei o desejo de participar dos concursos para professor no curso de Enfermagem da FMTM. No entanto, apesar de minha colaboração em disciplinas específicas do curso, meu currículo não atendia aos requisitos exigidos à época, como a titulação na área da enfermagem. Diante disso, vi na Farmacologia a chance de prestar um concurso público em 2007, no qual fui aprovada em 2º lugar. No início de 2008, surgiu a oportunidade de concorrer a uma das sete vagas para a carreira docente, em regime de dedicação exclusiva, oferecidas pela UFU para atuação no Curso de Graduação em Enfermagem – Bacharelado e Licenciatura. Além dessas, havia outras sete vagas para os regimes de 20 e 40 horas. A disputa pelas vagas de dedicação exclusiva foi a mais concorrida, com a participação de candidatos já doutores e com ampla experiência na docência no ensino superior. Por fim, fui aprovada em 3º lugar, garantindo minha entrada definitiva no magistério superior.

O resultado do concurso foi publicado em maio de 2008, mas a convocação para a posse ocorreu apenas em novembro. Esse intervalo foi fundamental para que eu concluísse a redação da tese e, dentro do possível, acompanhasse minha irmã, que permaneceu hospitalizada por longos seis meses antes de falecer.

Durante esse período, experimentei a crescente sensação de pressão. Além da angústia causada pela situação de minha irmã e pela iminente mudança de cidade, precisei lidar com as exigências cada vez mais rigorosas da minha orientadora, que parecia considerar que eu estava em atraso em todas as etapas da tese. Tive a impressão de que minha saída da farmacologia gerava certo desconforto, especialmente considerando que eu estava naquele setor há tanto tempo, sempre assumindo responsabilidades que iam além das minhas atribuições, seja como professora ou como doutoranda bolsista. No entanto, cabe esclarecer que não tenho a intenção de transmitir descontentamento ou sugerir que fui explorada. Muito pelo contrário, acredito que essa reflexão revela mais sobre minha postura do que sobre as situações externas. Sempre me dediquei integralmente às minhas atividades, seguindo o princípio de que "missão dada, missão cumprida". Sou profundamente grata pelas oportunidades que me foram oferecidas, tanto no que diz respeito ao

aprimoramento do conhecimento quanto ao meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. A farmacologia, sem dúvida, foi a minha mais importante escola.

Do meu ponto de vista, a redação da tese, juntamente com os experimentos, já havia sido concluída em meados de setembro, restando apenas a revisão gramatical. No entanto, minha orientadora não compartilhava dessa percepção, o que resultou na necessidade de solicitar a prorrogação do prazo para a reavaliação de alguns resultados e o refinamento da escrita. Como já foi citado, "todo ponto de vista é a vista de um ponto" (Leonardo Boff). Certamente, os ajustes eram necessários, visto que Beatriz era extremamente perspicaz. O resultado foi uma tese com um nível de fundamentação teórica tão detalhado que, durante a defesa pública, um dos examinadores, professor médico da FMRP/USP, afirmou que se tratava de um verdadeiro compêndio sobre inflamação aplicada ao câncer, mencionando que a adotaria no processo de formação de seus alunos de graduação.

A trajetória como professora universitária, quando analisada ao longo de um período significativo, revela não apenas os desafios enfrentados no ambiente acadêmico, mas também as conquistas pessoais e profissionais que são moldadas pela realidade da instituição de ensino. No caso da minha jornada na UFU, a chegada em 2008 marcou o início de um ciclo de intensa dedicação e de construção de um legado acadêmico. Desde então, pude vivenciar e contribuir com as diferentes dimensões da universidade, tais como ensino, pesquisa, extensão e gestão, além de enfrentar os desafios que surgiram ao longo do caminho.

### **2.2.2 Ensino**

Antes de apresentar as memórias da minha trajetória no ensino, considero essencial registrar minha concepção de educação e seu papel em minhas práticas pedagógicas, ainda em construção. Adoto a perspectiva da educação libertadora de Paulo Freire, que defende o conhecimento como um instrumento para promover a capacidade de transformar e reinventar a realidade por meio do processo de ação-reflexão. Nesse modelo, as práticas pedagógicas são desenvolvidas com afetividade e reconhecimento do estudante como um sujeito detentor de experiências diversas.

Com frequência, ouço professores expressando preocupações acerca dos hábitos de seus alunos, da baixa adesão às tarefas e/ou do aproveitamento insatisfatório, frequentemente sugerindo medidas punitivas como solução. É inegável

que o contexto atual apresenta desafios significativos, especialmente no campo das interações sociais e do uso excessivo de dispositivos móveis. No entanto, cabe ao professor reinventar-se, explorar novas metodologias de ensino, incorporar a comunicação não violenta e utilizar as tecnologias digitais, tão familiares aos jovens, como aliadas no processo de aprendizagem. O essencial é manter o foco na construção de um ensino significativo, que dê sentido ao processo ensino-aprendizagem.

O ensino é a principal função para a qual fui contratada, e nenhuma outra atividade desempenhada por mim - seja na pesquisa, extensão ou gestão - jamais se sobrepôs ou impediu a execução das minhas atribuições docentes. A busca por uma educação de qualidade no meu curso sempre foi uma preocupação central, o que me levou a participar ativamente de diferentes instâncias decisórias em sua defesa.

Em 10 de novembro de 2008, tomei posse na UFU, na segunda metade do semestre letivo em curso. Dos 14 docentes ingressantes, apenas eu fui designada para ministrar aulas de imediato, conforme decisão tomada logo após a primeira reunião com a coordenação do curso e os professores mais antigos. Os demais aguardaram até março para iniciar suas atividades de ensino. Recebi essa decisão como um gesto de reconhecimento, acreditando que poderia estar relacionada às minhas habilidades no ensino, apesar de não conhecer meus novos colegas e vice-versa. A disciplina abordava temas relacionados à organização dos estudos acadêmicos e, mesmo com o curto prazo, considerando minha experiência na FMTM e pessoal de estudos, preparei as aulas e ministrei os conteúdos sem dificuldades.

Para o semestre seguinte, além da disciplina que já lecionava, assumi o Estágio Supervisionado na área hospitalar, especificamente no setor de Clínica Médica do Hospital de Clínicas (HC) da UFU, e passei a colaborar na disciplina de Administração dos Serviços de Enfermagem, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Artur Velloso, então coordenador do curso. Com isso, minha carga horária totalizou 27 horas semanais, mantendo-se assim por algum tempo, até que passei a atuar exclusivamente no Estágio Supervisionado e, posteriormente, até os dias atuais, em Enfermagem Clínica.

Diante desse novo desafio, enquanto me preparava para a defesa da tese, aproveitei o período anterior ao início das aulas para conhecer os serviços prestados e as rotinas adotadas na unidade hospitalar que se tornaria minha sala de aula. Para isso, realizei um estágio voluntário no setor de Clínica Médica do HC/UFU, participando ativamente das atividades de enfermagem, incluindo assistência e

gestão. Minha vivência no serviço foi acompanhada por longos períodos de estudos na biblioteca da UFU, uma vez que o curso de Enfermagem não dispunha de salas adequadas para seus professores.

A escassez de espaço físico na Faculdade de Medicina (FAMED), unidade acadêmica à qual estamos vinculados, sempre foi motivo de intensa disputa. Paradoxalmente, havia, e ainda há, ambientes subutilizados. À época do meu ingresso, havia apenas três salas destinadas ao curso: uma para a secretaria, outra para a coordenação e uma terceira que, apesar de ser destinada aos docentes do curso, era ocupada para o despejo de papéis e caixas cujo conteúdo era desconhecido por todos.

Diante dessa realidade, busquei informações junto à coordenação e os colegas mais antigos sobre os locais onde preparavam suas aulas e realizavam atendimentos aos alunos. Ao manifestar a necessidade de um espaço adequado para o trabalho docente, minha solicitação foi rejeitada pela maioria dos professores, que considerava satisfatória a realização dessas atividades em suas residências. Ainda assim, com a autorização do coordenador, eu e outra professora recém-ingressante, Profa. Patrícia Magnabosco, decidimos tomar providências. Realizamos a limpeza e reorganização da sala, descartando, com a anuência do secretário do curso, uma grande quantidade de material. Destes, identifiquei dezenas de exemplares de Trabalhos de Conclusão do Curso (TCC) de enfermagem. Para minha surpresa, a maioria era praticamente idêntica em tema e metodologia, além de não apresentar o rigor acadêmico esperado. Poucos dias depois, ao buscar compreender as normas adotadas para a elaboração dos TCCs, descobri que quase todos, com raras exceções, eram produzidos por uma única pessoa vinculada à universidade, que cobrava por esse serviço.

Essa situação me causou profunda inquietação, sobretudo por representar uma desvalorização de um dos pilares fundamentais dos trabalhos de conclusão de curso, que envolvem o incentivo à curiosidade e ao desenvolvimento do espírito crítico por parte dos estudantes. Diante dessa situação, elaborei normas internas para a organização e desenvolvimento dos TCCs e propus a criação de uma comissão interna para garantir a integridade do processo. Apresentei a proposta ao colegiado do curso, do qual passei a fazer parte logo na minha chegada. A iniciativa foi aprovada e permanece vigente até o presente momento, com ajustes contínuos conforme as experiências e necessidades. Desde então, os TCCs do curso de enfermagem tiveram um avanço significativo.

Ao final da reorganização da sala, conseguimos estruturar o ambiente com mesas e computadores, permitindo a utilização simultânea por até quatro professores. Com o tempo, especialmente durante o período em que estive na coordenação do curso, e com o apoio da direção da unidade acadêmica, consegui viabilizar a disponibilização de mais quatro salas, proporcionando melhores condições de trabalho aos docentes.

A partir de um melhor entendimento do cenário de prática para o desenvolvimento da disciplina e com uma sala organizada para minhas atividades de planejamento, preparo de aulas e atendimento aos alunos, senti-me segura para iniciar meu primeiro semestre letivo na UFU. Durante as atividades práticas da minha primeira turma de estudantes, percebi certa resistência da equipe de enfermagem da Clínica Médica, sendo pouco receptiva e oferecendo pouca colaboração na formação acadêmica. Com o tempo, essa postura foi se modificando, e conseguimos conquistar um espaço de atuação que consolidou a equipe como parte relevante no processo de ensino-aprendizagem. Os vínculos se fortaleceram, possibilitando parcerias significativas, fruto de um trabalho comprometido com a formação de enfermeiros éticos, colaborativos e engajados com o serviço e com o cuidado às pessoas.

Nesse ambiente, além da assistência, contribuímos para o serviço por meio de diversas iniciativas, como a organização de protocolos, desenvolvimento de atividades educativas e confecção de materiais informativos para profissionais, pacientes e acompanhantes. A meu ver, tais práticas refletem o compromisso do docente com seu papel formativo, ao promover o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes e incentivar a cultura da responsabilidade social, envolvendo tanto a comunidade atendida quanto os demais profissionais da área da saúde.

Acredito que tenho desempenhado com responsabilidade e dedicação minha função no ensino, atribuindo significado às práticas e aos conhecimentos compartilhados. Esse empenho tem sido reconhecido pelos estudantes, o que se reflete em avaliações positivas e em distintas homenagens recebidas, como a escolha para nome de turma, paraninfo e professora homenageada.

Com o passar dos anos, após pouco mais de uma década atuando no Estágio Supervisionado, comecei a lecionar a disciplina de Enfermagem Clínica, onde permaneço até o presente momento, desenvolvendo atividades práticas no mesmo setor de Clínica Médica. Essa continuidade reforça ainda mais minha relação de 16 anos com o serviço, alicerçada no respeito mútuo e na colaboração constante.

Percebo que esse vínculo também impacta positivamente os estudantes, oferecendo-lhes maiores oportunidades de desenvolvimento nas temáticas abordadas. É evidente o reconhecimento por parte dos estudantes desse campo como um espaço privilegiado de aprendizado.

Até o momento, destaquei as disciplinas pelas quais fui ou sou responsável por um período mais longo, mas não mencionei as diversas outras que ministrei paralelamente ao longo do curso. Esse modelo de distribuição de carga horária é bastante comum, especialmente em contextos em que o número de professores é inferior ao necessário ou mal dimensionado. Como consequência, os docentes assumem uma carga horária maior e, frequentemente, recebem a atribuição de disciplinas cujo conteúdo não é sua especialidade.

Em situações como essa, sinto-me extremamente desconfortável e frustrada, independentemente de ocorrer comigo ou com um colega. Acredito que essa prática, além de comprometer a qualidade do aprendizado dos estudantes, limita a atuação do docente em outras frentes e o expõe a experiências potencialmente desafiadoras, que podem não ser bem-sucedidas e, consequentemente, o professor fica mais vulnerável a avaliações rigorosas por parte dos discentes.

Quando ingressei na UFU, o curso de Enfermagem, iniciado em 1999, contava com apenas oito professores efetivos e três substitutos. Com a chegada de 14 novos docentes recém-aprovados no concurso, esperava-se uma melhor distribuição da carga horária no ensino, além da alocação das disciplinas para professores com *expertise* na área. De fato, houve um impacto positivo na redução da carga horária, que passou de uma média de 35 horas semanais de ensino por professor para 25 horas e, mais recentemente, para 15 horas. No entanto, os docentes recém-contratados enfrentaram desafios para se manter em suas áreas de atuação, devido às demandas do curso. Como consequência, algumas disciplinas permaneceram sem atribuição fixa, sendo designadas a diferentes professores, efetivos ou substitutos, a cada período letivo.

No contexto do curso de Enfermagem, a situação descrita parece estar diretamente relacionada aos requisitos estabelecidos para os concursos públicos ou processos seletivos destinados à contratação de professores. Em vez de destinar vagas para as áreas com maior déficit de docentes, os editais - como o que me possibilitou a aprovação - priorizam a seleção de docentes generalistas, como se fosse viável abranger todos os campos de conhecimento da profissão.

Entretanto, além da necessidade de ampliar o quadro de professores qualificados para o ensino de conteúdos específicos, é importante destacar que a escassez de docentes permanentes constitui apenas um dos inúmeros fatores que impactam o trabalho docente. Entre eles, ressalta-se a urgência de investimentos mais consistentes nas universidades, a fim de que possam cumprir com qualidade sua missão social, acadêmica e científica.

Lamentavelmente, a realidade tem demonstrado que essa demanda está cada vez mais distante. Não por acaso, os docentes das Instituições Federais de Ensino Superior frequentemente recorrem a movimentos grevistas para reivindicar melhores salários e condições de trabalho. Comprometida com essa luta, sempre participei ativamente do movimento docente. Durante a greve de 2012, por exemplo, que se estendeu por 125 dias, atuei no comando geral do movimento, em conjunto com a seção sindical Associação dos Docentes da UFU (ADUFU), com o propósito de fortalecer a organização da categoria e defender os direitos da carreira docente. A partir dessa vivência, intensifiquei minha participação nos espaços de atuação sindical, chegando a integrar uma chapa liderada por um ex-presidente da associação no processo eleitoral para a gestão do sindicato. Embora a chapa não tenha sido eleita, essa experiência ampliou minha compreensão sobre as dinâmicas ideológicas e partidárias presentes na universidade e, especialmente, na condução de um sindicato que deveria estar voltado, prioritariamente, à defesa dos interesses da categoria docente.

São tantas vivências que, vez ou outra, permito-me desviar do assunto para registrá-las. Afinal, todas fizeram parte do caminho percorrido e influenciaram minhas escolhas e condutas acadêmicas e profissionais. Retomando a questão do ensino, destaco minha atuação em atividades docentes voltadas para estudantes de pós-graduação, especialmente na residência multiprofissional em saúde e no mestrado profissional em Ciências da Saúde.

No Programa de Residência Multiprofissional em Saúde, do qual participei desde sua criação, em 2010, atuei como tutora de enfermeiros residentes na área de Atenção em Oncologia, além de coordenar essa área mais tarde. Para além da tutoria, que envolve a orientação acadêmica de preceptores e residentes, fui responsável por diversas disciplinas, tanto voltadas para a área de concentração quanto para a formação específica da categoria profissional.

Já no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da FAMED/UFU, ministrei disciplinas para estudantes do mestrado profissional. Essa experiência, embora enriquecedora, durou pouco tempo devido ao meu descredenciamento do programa. Essa história, contudo, deixarei para o próximo tópico.

### **2.2.3 Pesquisa**

Quando ingressei na UFU, estava determinada a dar continuidade às pesquisas que desenvolvia na FMTM. Desde o início, sabia que essa não seria uma tarefa fácil, pois envolvia o uso de materiais e equipamentos de alto custo. Minha primeira iniciativa foi buscar laboratórios que utilizassem metodologias semelhantes àquelas que eu havia aprendido. Nesse contexto, procurei oportunidades no setor de Imunologia do Instituto de Ciências Biomédicas e, posteriormente, na Farmacologia do mesmo instituto.

Passei a integrar grupos de estudo e a acompanhar experimentos, enquanto elaborava um projeto de pesquisa para submissão a editais de fomento. Apesar do reconhecimento do mérito por parte das agências avaliadoras, a escassez de recursos inviabilizou sua execução. Essa limitação no financiamento tem persistido ao longo dos anos, seja por questões orçamentárias, seja pelas desigualdades na distribuição dos recursos entre as diferentes instituições e regiões, dificultando o desenvolvimento de pesquisas promissoras.

Outro aspecto relevante refere-se às desigualdades de gênero no campo da pesquisa científica. Embora um número expressivo de projetos submetidos por mulheres seja aprovado, os valores destinados a esses projetos ainda são, em geral, significativamente inferiores aos concedidos a pesquisadores homens. A área na qual buscava financiamento, a farmacologia experimental, não figurava entre aquelas consideradas prioritárias para investimentos em pesquisas lideradas por mulheres. Soma-se a isso o fato de que muitos editais exigiam, entre outros critérios, um elevado número de publicações em periódicos científicos, o que, apesar de iniciativas recentes voltadas ao incentivo de jovens pesquisadores, ainda restringia a participação de profissionais em estágio inicial de carreira, como era o meu caso à época.

Havia, no entanto, um caminho alternativo de apresentar meu projeto a pesquisadores já estabelecidos, permitindo que eles figurassesem como responsáveis formais. Ainda assim, essa não era a escolha que eu desejava fazer naquele

momento. Essa situação já havia sido vivenciada anteriormente na FMTM, e meu objetivo era consolidar minha autonomia como pesquisadora. Optei por buscar outros caminhos, guiada pela convicção de que "é importante reinventar-se, mas é fundamental nunca perder-se de si mesmo" (Mônica Macedo). Com o tempo, porém, comprehendi, de forma mais amadurecida, a importância de flexibilizar decisões excessivamente rígidas e reconhecer o valor do trabalho colaborativo, mesmo quando não se está em posição de liderança. Talvez, diante das mesmas circunstâncias hoje, minhas escolhas fossem diferentes.

Gradualmente, por meio do envolvimento com estudantes da graduação em enfermagem e da residência multiprofissional, bem como pela orientação de trabalhos de conclusão de curso e de especialização, fui ampliando meu conhecimento sobre diferentes metodologias de pesquisa, com especial interesse pelas abordagens relacionadas às tecnologias leve-duras. Ao mesmo tempo, mantinha vivo o desejo de ingressar em um programa de pós-graduação stricto sensu.

É interessante observar como certos caminhos se revelam de forma sutil ao longo da trajetória. Nesse período, teve início a oferta do Mestrado Profissional em Ciências da Saúde (PPGCS), promovido pela Faculdade de Medicina da UFU (FAMED), direcionado exclusivamente a profissionais egressos das residências médica e multiprofissional. Com base nos artigos publicados em colaboração com o grupo de pesquisa de Uberaba, obtive o credenciamento necessário para atuar no programa. Entre os docentes do curso de Enfermagem, fui a primeira a ingressar na pós-graduação stricto sensu, o que representou um marco significativo em minha trajetória acadêmica.

Essa conquista teve duração de apenas três anos, pois não consegui manter o impacto das publicações. O PPGCS está inserido na área de Medicina I na CAPES e adota como principal critério de avaliação o número de publicações em periódicos científicos de maior fator de impacto. As publicações na área de Enfermagem, que majoritariamente adotam tecnologias leves e leve-duras, alcançam grande relevância dentro da própria área, mas nem sempre obtêm o mesmo reconhecimento na de Medicina I.

Durante o período em que atuei no PPGCS, participei ativamente das atividades do colegiado, contribuindo de forma significativa para a gestão acadêmica do programa. Entre as ações desenvolvidas, destaco o apoio prestado ao então coordenador na reorganização das linhas de pesquisa vinculadas aos orientadores

credenciados, bem como na reformulação do sítio eletrônico do programa, com o objetivo de torná-lo mais coeso, acessível e com maior visibilidade institucional. Orientei duas enfermeiras residentes do Programa de Residência Multiprofissional, sendo uma da área de Oncologia e outra de Pacientes em estado crítico, no desenvolvimento de suas dissertações e coorientei outros dois mestrados acadêmicos e um doutorado de uma colega docente do curso de Enfermagem.

Ao longo da minha trajetória na pós-graduação, e ao ouvir relatos de colegas, fui percebendo certos aspectos do ambiente acadêmico que, com o tempo, passaram a me causar incômodo e reflexão. Em meio a tantas experiências enriquecedoras, também se faz presente, com certa frequência, um clima permeado por vaidades intelectuais e disputas de ego, o que tende a gerar tensões que comprometem a convivência e, por vezes, o próprio desenvolvimento institucional.

Reconheço que essas atitudes não são exclusivas do meio acadêmico, mas sua ocorrência em um espaço que deveria favorecer o diálogo, o pensamento crítico e a construção coletiva do saber acaba sendo particularmente sensível. Em diferentes momentos e contextos, sejam eles formais ou informais, presenciei situações marcadas por conflitos interpessoais, exposições desnecessárias e, ocasionalmente, comportamentos que poderiam ser percebidos como inadequados ou até mesmo abusivos. Outro ponto que merece atenção diz respeito à percepção de favorecimentos em processos seletivos, algo que, ainda que não generalizado, levanta dúvidas legítimas quanto à transparência e à equidade desses procedimentos.

Falar sobre isso não é, de forma alguma, desmerecer os inúmeros méritos e conquistas da pós-graduação. Ao contrário, é justamente por acreditar no potencial transformador da academia que considero importante promover um olhar crítico e comprometido com a melhoria contínua desses espaços.

No conjunto, ainda que por pouco tempo, minha trajetória na pós graduação foi marcada por conquistas e aprendizados, tornando-se um divisor de águas para minhas escolhas acadêmicas. A experiência levou-me a optar por um período de afastamento dos programas de pós-graduação stricto sensu. Com o tempo, envolvi-me em outras atividades, especialmente na gestão educacional e na representação em órgãos colegiados e conselhos, e esse retorno acabou não se concretizando. No entanto, isso não impediu minha atuação na pesquisa, por meio da orientação de trabalhos de iniciação científica, conclusão de curso e de residência (especialização), bem como da participação em grupos de pesquisa e publicações.

Reforçando meu envolvimento com o tema deste relato, participei ativamente do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFU por oito anos, atuando também como avaliadora de estudos multicêntricos nomeada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/MS). No exercício dessa função, desloquei-me algumas vezes para outras cidades, acompanhada da coordenadora e de dois colegas do Comitê, para discutir o aprimoramento dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) no Brasil e para a revisão da Resolução nº 196/1996 da Comissão Nacional de Saúde (CNS), que deu lugar à Resolução CNS nº 466/2012, ainda vigente.

Ao analisar a recém-criada Lei nº 14.874/2024, percebo com satisfação os avanços significativos no campo da ética em pesquisa, que ampliam a proteção dos direitos e da dignidade dos participantes. Sinto-me parte dessa trajetória de aprimoramento contínuo, que busca garantir a produção de conhecimento sem expor os participantes a qualquer forma de constrangimento.

#### **2.2.4 Extensão**

Compreendo a responsabilidade social como um dos pilares que sustentam a missão da universidade pública, e vejo na extensão universitária um instrumento privilegiado para a concretização desse compromisso. Por meio das atividades extensionistas, a universidade se aproxima da comunidade, estabelece diálogos com saberes diversos e contribui para a formação de cidadãos críticos e socialmente comprometidos.

Ciente da relevância dessa dimensão formativa e da minha responsabilidade na educação de futuros enfermeiros éticos e sensíveis às demandas sociais, desenvolvi, ao longo da minha trajetória na UFU, diversas ações de extensão. Muitas delas foram realizadas antes da formalização exigida pelos atuais trâmites institucionais, motivadas pelo desejo de contribuir com a comunidade e de integrar o ensino à prática social.

Nos primeiros anos de atuação na UFU, período marcado por grande entusiasmo e disposição para abraçar múltiplas iniciativas, participei do projeto de acolhimento de pacientes em tratamento oncológico no Hospital do Câncer do HC/UFU. Ao lado de estudantes do curso de Enfermagem e de uma equipe multiprofissional, recebíamos pacientes encaminhados para a primeira sessão de quimioterapia ou radioterapia, utilizando como estratégia a escuta ativa, seguida de

orientações específicas. Nesse contexto, conhecemos trajetórias de vida profundamente singulares, que marcaram minha prática profissional e minha perspectiva humana sobre o cuidado.

Uma dessas histórias permanece particularmente viva em minha memória. Tratava-se de uma paciente que, ao ser informada sobre a necessidade de iniciar radioterapia, foi abandonada pelo marido, sob a alegação de temer contaminação. A dor do abandono somou-se ao medo do tratamento e da própria doença, levando a paciente ao isolamento e à interrupção do cuidado. Por meio de visitas domiciliares, conseguimos, ainda que parcialmente, reinseri-la no acompanhamento oncológico, experiência que evidenciou a complexidade dos processos de adoecimento e a importância do acolhimento integral.

Ainda na área oncológica, orientei estudantes de graduação e de residência em ações educativas voltadas à conscientização sobre a detecção precoce do câncer de mama. Essas atividades ocorreram em diversos espaços do HC/UFU, como o saguão de entrada e as salas de espera do Ambulatório Amélio Marques, e também em ambientes públicos, como praças e parques. Com o fortalecimento da campanha Outubro Rosa, essas ações passaram a ser concentradas nesse período, ampliando sua visibilidade e impacto.

Com o tempo, as ações de promoção da saúde foram sendo estendidas às Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs), especialmente à hipertensão arterial e outras doenças cardiovasculares. Nesse contexto, colaborei com a Liga Acadêmica em DCNTs (hoje com foco específico em doenças cardiovasculares), contribuindo para a formação de estudantes e para a multiplicação do conhecimento por meio de atividades educativas e preventivas junto à população.

Outra experiência significativa foi minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), coordenando o Projeto Interdisciplinar do Campus Umuarama. A iniciativa integrou estudantes dos cursos de licenciatura em Enfermagem, Biologia e Geografia ao cotidiano da Escola Estadual Frei Egídio Parisi, em Uberlândia/MG. Para fortalecer as atividades, busquei parcerias com professores da Escola Técnica em Saúde (ESTES/UFU), que participaram ativamente do planejamento e da supervisão das práticas educativas.

A vivência no PIBID, aliada à atuação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFU), ampliou minha rede de relações interpessoais, favorecendo o diálogo com colegas de outras áreas, consolidando parcerias interinstitucionais e fortalecendo

meu vínculo com a universidade. Dessas experiências emergiram amizades, colaborações e a motivação para atuar em outras frentes institucionais, como coordenações de curso, núcleos e comissões, consolidando meu compromisso com a formação integral dos estudantes e com o papel social da universidade.

### **2.2.5 Gestão**

A dimensão da gestão sempre esteve presente, de diferentes maneiras, ao longo da minha trajetória profissional. No decorrer dos meus 16 anos de atuação na Universidade Federal de Uberlândia, assumi diversas funções e integrei múltiplas instâncias institucionais, o que me proporcionou uma compreensão mais ampla dos processos acadêmicos e administrativos que sustentam a vida universitária.

Embora seja difícil enumerar a totalidade dessas experiências, destaco, a seguir, aquelas que considero mais significativas, tanto pelo impacto na minha formação enquanto docente quanto pela contribuição que acredito ter oferecido à educação e ao fortalecimento institucional da UFU.

Pouco tempo após meu ingresso na Universidade Federal de Uberlândia, passei a integrar o Colegiado do Curso de Enfermagem e o Conselho da unidade acadêmica. Esses espaços me permitiram conhecer mais de perto os processos administrativos e acadêmicos da unidade e da instituição, além de possibilitarem minha contribuição direta em diferentes ações voltadas à organização e ao fortalecimento do curso.

Uma das primeiras demandas que assumi no Colegiado foi a elaboração do regulamento dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), que levou à criação da Comissão Organizadora dos Trabalhos de Conclusão de Curso (CO-TCC), já mencionada. Fui responsável pela coordenação da comissão em sua fase inicial, quando tivemos a oportunidade de implementar as novas diretrizes para a elaboração e defesa dos trabalhos. Como parte desse processo, propus a realização da Mostra de TCCs, um evento semestral que passou a integrar o calendário do curso, com o objetivo de dar visibilidade à produção dos estudantes. Também organizamos a publicação dos resumos em anais, elaborados pela própria comissão, valorizando os trabalhos desenvolvidos e incentivando a divulgação científica.

Essas ações resultaram em maior engajamento por parte dos docentes na orientação e em avanços importantes na qualidade dos trabalhos apresentados. O modelo de organização permanece em vigor e segue sendo conduzido por uma equipe de professores comprometidos com a qualificação da formação discente e o fortalecimento da pesquisa na graduação.

Elaborei as primeiras normas para o estágio supervisionado do curso de Enfermagem, que foram aprovadas por unanimidade pelo Colegiado. Como docente responsável por essa atividade durante um período considerável, participei ativamente tanto da implementação quanto do aperfeiçoamento dessas diretrizes, buscando sempre atender às demandas formativas dos estudantes e às exigências institucionais. Com o tempo, no entanto, a rotatividade na equipe docente responsável pelo estágio, com ingressos, desligamentos e retornos frequentes, acabou comprometendo a continuidade do trabalho anteriormente realizado. Em alguns momentos, as normas vigentes deixaram de ser seguidas ou foram substituídas sem que houvesse uma consolidação das experiências anteriores, o que gerou lacunas no processo de gestão do estágio.

Somente em março de 2025, em consonância com a legislação atual e as exigências da unidade acadêmica e da universidade, o Colegiado retomou a discussão e iniciou a análise de uma nova proposta para regulamentação do estágio supervisionado, com o objetivo de garantir maior estabilidade, clareza e coerência ao processo formativo dos estudantes.

Ainda no início das minhas atividades na UFU, passei a integrar o Conselho da FAMED, atuando em diferentes momentos como representante do corpo docente da Enfermagem, como Coordenadora de Curso e, a partir de 2021, como Coordenadora da Comissão de Residência Multiprofissional (COREMU). Ao longo desse período, acompanhei a gestão dos quatro diretores: professores Aguinaldo, Ben Hur, Carlos Henrique e Catarina, cada um com distintas formas de conduzir a administração da unidade e suas reuniões colegiadas.

A convivência nesse espaço revelou dinâmicas institucionais complexas, reflexo de uma estrutura originalmente voltada exclusivamente à formação médica, que ao longo do tempo incorporou os cursos de Enfermagem (1999) e Nutrição (2009). A busca por reconhecimento e maior integração entre os cursos coexistia com o esforço da Medicina em preservar sua posição histórica na unidade. Esse cenário fomentou debates importantes sobre a identidade da FAMED e a necessidade de

revisão de seu regimento interno, inclusive com propostas para alteração do nome da unidade, de forma a refletir a diversidade de formações oferecidas e a possível ampliação de cursos.

Em 2011, durante a gestão do professor Ben Hur, fui designada para compor a comissão responsável pela revisão do regimento interno da FAMED, então vigente desde 1998. A comissão era majoritariamente composta por docentes da Medicina, cujas agendas dificultavam a realização de reuniões regulares. Inicialmente formada por oito membros, a comissão teve suas atividades efetivamente conduzidas, ao longo do tempo, apenas por mim e pela professora Valéria Bonetti. Após cerca de 15 meses de trabalho contínuo, apresentamos uma proposta de reformulação ao Conselho da unidade, que, contudo, não chegou a deliberar sobre o texto.

Sete anos depois, propus a reativação do processo de revisão e assumi a presidência da nova comissão. A condução desse trabalho foi marcada por desafios significativos, especialmente diante de diferentes entendimentos e interesses entre os cursos, o que exigiu sucessivas revisões e negociações. O processo, ao todo, tomando o ano de 2011, estendeu-se por mais de uma década e foi atravessado por momentos delicados, como assembleias convocadas pela Direção para discussão do tema, em que surgiram propostas de desmembramento dos cursos e criação de novas unidades. Em meio a esse cenário, levei ao Conselho, com o apoio daqueles que representava, uma proposta de desmembramento do curso de Enfermagem. A proposta, no entanto, não avançou, tendo em vista a valorização institucional do princípio da integração entre os cursos.

Durante a etapa final do processo, enfrentei posicionamentos divergentes e manifestações que, por vezes, ultrapassaram o campo das ideias e afetaram o ambiente de trabalho. Apesar disso, mantive o compromisso com a construção coletiva e o aprimoramento institucional. Em 2022, o novo regimento foi aprovado por todas as instâncias competentes e devidamente publicado, marcando o encerramento de um ciclo longo e desafiador. Esse processo foi essencial para a atualização da estrutura acadêmica e administrativa da unidade, em consonância com sua configuração atual, além de ter reafirmado, para mim, os princípios que considero fundamentais em um modelo de gestão universitária.

Nos diferentes contextos em que assumi funções de liderança, seja por eleição ou por designação institucional, busquei conduzir minha atuação com base na escuta ativa e na construção coletiva. As decisões que representei estiveram sempre

ancoradas no posicionamento do grupo ao qual me vinculava, mesmo quando não coincidiam com minhas convicções pessoais. Compreendo que o exercício da representatividade exige o comprometimento ético com o bem comum, e não com interesses individuais.

Apesar de reconhecer e respeitar as estruturas hierárquicas e os regulamentos institucionais, considero essencial que os processos decisórios reflitam a pluralidade de vozes e perspectivas. Por isso, me causa desconforto quando observo modelos de gestão que privilegiam interesses restritos ou se sustentam em decisões unilaterais. Em minha trajetória, tenho reafirmado o compromisso com a democracia institucional e com a coerência entre princípios e práticas.

Inspira-me, nesse sentido, a reflexão do Padre Júlio Lancellotti, ao afirmar: “Eu não luto para vencer. Sei que vou perder. Eu luto para ser fiel até o fim. Minha perspectiva é, portanto, o fracasso, pois, neste sistema, se não fracassar, significa que aceitei sua lógica”. Essa perspectiva sintetiza o modo como comprehendo minha atuação, não voltada à obtenção de vantagens, mas orientada pela integridade, pela escuta e pela fidelidade aos valores que sustentam a vida universitária.

A segmentação das experiências em períodos distintos pode parecer artificial, como se cada fase estivesse dissociada das demais ou como se fosse possível dedicar-se exclusivamente a uma única atividade por vez. Na prática, entretanto, as ações e compromissos coexistem, entrelaçando-se ao longo do tempo. Assim, enquanto atuava no Colegiado e no Conselho da unidade, também integrei outras instâncias institucionais, como o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (já mencionado), o Conselho Deliberativo do Hospital de Clínicas da UFU (anterior à chegada da EBSERH), o Núcleo Docente Estruturante (NDE), o Colegiado da Comissão de Residência Multiprofissional em Saúde, o Núcleo de Ensino, a Comissão de Avaliação de Desempenho Docente (como presidente) e o Núcleo de Integração Ensino e Comunidade, entre outros. Em todas essas instâncias, minha atuação foi orientada pela busca constante de conhecimento e pelo compromisso com a qualificação do curso, com foco na formação dos estudantes e na promoção de melhores condições de trabalho para docentes e discentes.

No NDE atuei em dois momentos distintos. Na segunda ocasião, a principal tarefa foi a revisão do Projeto Político-Pedagógico (PPP) do curso, com a finalidade de incorporar a extensão universitária como componente curricular obrigatório. Na condição de presidente do núcleo, conduzi os trabalhos com o propósito de

reestruturar a oferta de disciplinas, de forma a conferir maior organicidade e significado à matriz curricular. Após intensos debates e reuniões regulares, propusemos a extinção de algumas disciplinas, a fusão de outras e a criação de novos componentes curriculares. Além disso, sugerimos a inserção de eixos transversais ao longo da formação, abrangendo temas como ética e bioética, legislação profissional e organização dos estudos acadêmicos.

Considerávamos que tais mudanças, associadas à possível ampliação da oferta de disciplinas do núcleo comum por outras unidades, proposta que já havia sido estimulada durante minha gestão na coordenação do curso, poderiam contribuir para o equilíbrio da carga horária docente e para uma melhor distribuição da carga horária por período letivo.

Para garantir a legitimidade do processo, organizamos reuniões abertas ao corpo docente para apresentação da proposta, seguidas de encontros individuais com os professores, a fim de acolher sugestões e promover ajustes. No entanto, a continuidade dos trabalhos foi inviabilizada diante de posicionamentos divergentes da gestão do curso à época. Por razões que incluíram discordâncias conceituais, desinteresse ou dificuldades de ordem interpessoal, criou-se um ambiente desfavorável à implementação da proposta. Como resultado, todos os membros do NDE, com exceção de um, solicitaram desligamento do núcleo.

Imediatamente, um novo NDE foi constituído. No entanto, até o momento, nenhuma proposta de reforma curricular foi apresentada por esse núcleo, e os documentos produzidos no processo anterior não se encontram arquivados nos registros digitais do curso.

A necessidade de reformulação do PPP já havia sido evidenciada entre os anos de 2016 e 2017, tendo como principal referência as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de licenciatura, instituídas pela Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Entre as exigências estabelecidas pela nova normativa, destacava-se o aumento da carga horária destinada às atividades práticas, aspecto que suscitou amplos debates entre os cursos de licenciatura da instituição. No curso de Enfermagem, essa adequação configurou-se como um desafio específico, tendo em vista a necessidade de optar entre a ampliação da carga horária total do curso ou a redução da carga horária do bacharelado, que já se encontrava próxima ao limite mínimo definido pelas normativas educacionais vigentes.

À frente da coordenação do curso no mesmo período, busquei o apoio institucional da Pró-Reitoria de Graduação e da Diretoria de Ensino da UFU, participando de diversas reuniões individuais (sempre com a presença do nosso NDE) e coletivas, em conjunto com representantes de outros cursos de licenciatura. Naquele contexto, as diretrizes curriculares ainda estavam em processo de consolidação, permeadas por múltiplas interpretações quanto à sua aplicação prática. Diante desse cenário, adotei uma postura pautada no diálogo institucional, sendo formalmente orientada pela Pró-Reitoria quanto às normas de organização do documento e aos trâmites estabelecidos para o encaminhamento do processo.

No âmbito interno do curso de Enfermagem, promovemos reuniões e assembleias com a participação de docentes e discentes, com o objetivo de refletir sobre a estrutura curricular e debater a continuidade da licenciatura. Em uma dessas ocasiões, foi deliberada, por maioria, a proposta de descontinuidade da habilitação em licenciatura, com base em argumentos como a baixa procura por parte dos estudantes e as mudanças nas exigências legais para o exercício da docência na educação profissional de nível médio.

A universidade estabeleceu diversos prazos para a entrega da proposta reformulada, sendo o último previsto para janeiro de 2018. A minuta do novo PPP foi elaborada pelo NDE e me foi encaminhada ao final de dezembro de 2017. Após análise detalhada, identifiquei a necessidade de ajustes relacionados à aderência às diretrizes institucionais, à redação e à organização técnico-formal do documento. Assim, dediquei-me à revisão e reestruturação da proposta durante o recesso de final de ano, com o intuito de atender aos requisitos estabelecidos.

Apesar dos esforços empreendidos, a proposta retornou com novas solicitações de ajustes e prazos adicionais para adequação. Paralelamente, a Pró-Reitoria de Graduação estabeleceu novos encaminhamentos, incluindo condicionantes para a exclusão da licenciatura que não haviam sido previamente indicadas. Esse cenário exigiu reavaliações sucessivas, implicando dedicação contínua e permanente acompanhamento do processo.

Ao longo desse período, observei diferentes posicionamentos entre os membros do corpo docente, o que exigiu um esforço adicional para garantir a coerência entre os registros institucionais e as deliberações tomadas em instâncias colegiadas. Essa experiência evidenciou a complexidade inerente à gestão acadêmica e destacou a importância de processos comunicativos transparentes, da manutenção

de registros sistemáticos e da escuta qualificada como elementos essenciais para a construção coletiva de decisões.

Diante do acúmulo de demandas e das indefinições que se prolongavam desde o início do processo, optei, em março de 2018, por me desligar da função de coordenadora do curso, na metade do segundo mandato. A decisão foi fundamentada em reflexões sobre o contexto institucional e na percepção da necessidade de renovação na condução do processo de reformulação curricular.

Durante minha gestão como coordenadora do curso, a reformulação do PPP foi, sem dúvida, um marco importante. No entanto, outros avanços também contribuíram de forma significativa para a organização e o fortalecimento da estrutura acadêmica. Logo no início da gestão, com o apoio do Prof. Dr. Arthur Veloso, conduzimos uma análise SWOT, com o objetivo de identificar os pontos fortes e fracos, bem como as oportunidades e ameaças relacionadas ao desenvolvimento e à qualidade do ensino no curso de Enfermagem.

Esse exercício estratégico nos permitiu estabelecer metas claras e delinear estratégias específicas, com a atribuição de responsabilidades a docentes previamente definidos. Realizávamos reuniões periódicas para acompanhar o progresso das ações e avaliar o alcance dos objetivos estabelecidos. Um dos desdobramentos mais relevantes desse processo foi o projeto de criação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar, posteriormente aprovado pelo Conselho Superior da UFU, embora não tenha sido homologado pela CAPES.

Outra iniciativa que considero de grande relevância foi o incentivo e o fortalecimento da participação docente nas decisões relacionadas à unidade acadêmica e ao curso. Esse movimento foi possível graças ao aumento da representatividade dos docentes em instâncias deliberativas da FAMED e à reformulação da dinâmica das reuniões do colegiado, que passaram a contar com a participação de todos os docentes do curso a cada dois meses.

Com o mesmo espírito de aprimoramento contínuo que orientou minha atuação na coordenação, implementei a Semana de Planejamento de Ensino, realizada de forma semestral. Essa iniciativa teve como principal objetivo favorecer a articulação entre os docentes, especialmente entre aqueles responsáveis por disciplinas com conteúdos complementares. Por meio desse espaço coletivo de reflexão e organização, foi possível revisar e alinhar os planos de ensino, promovendo uma maior integração curricular. Como resultado, alcançamos uma distribuição mais

equilibrada dos conteúdos programáticos, evitando sobreposições e contribuindo para uma maior coerência entre as disciplinas.

Buscando também otimizar o funcionamento do curso, promovi a reestruturação da grade horária. Essa reorganização possibilitou não apenas uma distribuição mais equilibrada da carga horária semanal, mas também a reserva de uma tarde livre, o que favoreceu a participação dos discentes em atividades extracurriculares e ampliou a disponibilidade dos docentes para reuniões, projetos e demais compromissos acadêmicos.

No mesmo período, avancei no fortalecimento das relações interinstitucionais, articulando com outras unidades acadêmicas a oferta de disciplinas aplicadas ao nosso curso. Essa cooperação resultou em benefícios mútuos, como a diversificação da formação discente e a redução da carga horária média dos docentes do curso, que passou a girar em torno de 12 horas semanais por professor, contribuindo para uma melhor distribuição das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Com a deliberação das reuniões ampliadas do colegiado, propus a organização do curso em departamentos internos, agrupando os docentes conforme suas áreas de atuação na Enfermagem. Essa estruturação visou fomentar a corresponsabilidade na oferta das disciplinas e fortalecer a integração entre os professores, promovendo um ambiente mais colaborativo e coeso.

Nesse mesmo contexto, coordenei a criação do Núcleo de Assistência aos Estudantes de Enfermagem (NAENF), com o propósito de acolher demandas estudantis e promover ações voltadas ao cuidado e ao bem-estar discente. A iniciativa tornou-se referência na unidade acadêmica e, ao longo dos anos, evoluiu para o Núcleo de Bem-Estar dos Estudantes da Faculdade de Medicina e, mais recentemente, para o Núcleo de Apoio e Atenção ao Estudante (NAAES), conforme estabelecido pela Resolução do Conselho de Extensão nº 20/2022 da Universidade Federal de Uberlândia.

No mesmo período, na condição de coordenadora do curso, fui convidada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para integrar, em parceria, um programa do Ministério da Saúde, voltado à redução de partos cirúrgicos por meio da oferta de um curso de especialização em Enfermagem Obstétrica. Consultei a Profa. Dra. Efigênia Maciel, especialista em saúde da mulher, que aceitou o desafio. Iniciamos, então, a busca por parcerias para viabilizar cenários práticos essenciais à formação. Obtivemos apoio irrestrito da direção de enfermagem do HC/UFU,

representada pelo enfermeiro Dr. Durval e pela Profa. Dra. Fabíola, então diretor e diretora substituta dos serviços de enfermagem. Mas, enfrentamos desafios significativos com a equipe médica dos serviços de ginecologia e obstetrícia. Superadas essas dificuldades, o curso foi implementado com êxito, resultando, posteriormente, na sua transformação em um Programa de Residência em Enfermagem Obstétrica, aprovado e regulamentado durante minha gestão na Comissão de Residência Multiprofissional em Saúde (COREMU).

Minha atuação como coordenadora de curso nos Conselhos Superiores da UFU, Conselho de Graduação e Conselho Universitário, foi notória. Atuei como relatora e parecerista em temas relevantes, incluindo o Projeto Institucional de Direitos Humanos. O reconhecimento do meu trabalho e dedicação resultou em um convite inesperado por parte dos diretores da Faculdade de Gestão e Negócios (FAGEN) e da Faculdade de Engenharia Civil (FACIV), além do então Prefeito de Campus, para compor uma chapa no processo eleitoral para o cargo de vice-reitora em 2016, ao lado do Prof. Dr. Pedro Frosi, então Diretor do Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC) da UFU. O convite me surpreendeu, pois não possuía vínculos próximos com esses gestores de áreas e campus distintos, além de não frequentar a Reitoria de modo tão assíduo.

Diante da proposta, senti-me profundamente honrada e, após um período de reflexão, aceitei o convite, tornando-me a primeira professora da Enfermagem a disputar um pleito dessa natureza. A candidatura proporcionou uma visibilidade inédita para a Enfermagem dentro da instituição.

A eleição foi histórica, com o maior número de chapas concorrentes até então. Entre os candidatos, estavam um ex-reitor de grande carisma e reconhecida competência na gestão universitária e um pró-reitor de Planejamento e Administração, que contava com o apoio da maioria das unidades acadêmicas. A campanha foi intensa, enfrentando desafios no acesso a determinados segmentos do eleitorado, sendo permeada por discursos de cunho partidário, além da disseminação de inúmeras informações falsas, aspectos frequentemente observados em disputas eleitorais. Nossa chapa obteve pouco mais de 14% dos votos válidos, em um universo de aproximadamente 30 mil eleitores aptos. Apesar dos desafios e do desgaste inerentes ao processo eleitoral, a experiência foi enriquecedora, proporcionando um conhecimento mais aprofundado sobre as estruturas da UFU e a oportunidade de debater o futuro da universidade e de seus estudantes de maneira abrangente.

Após concluir minhas atividades na coordenação do curso, me mantive na presidência do NDE, contribuindo para a reformulação do PPP para incluir a extensão como componente curricular, conforme já registrado. Simultaneamente, reassumi minha participação no Programa de Residência Multiprofissional em Oncologia, inicialmente como tutora de enfermeiros residentes e, posteriormente, como coordenadora do programa. Com o respaldo do grupo de coordenadores dos programas de residência, fui eleita para a Coordenação da Comissão de Residência Multiprofissional (COREMU). Em razão disso, encerrei minhas atividades como tutora e coordenadora na área de oncologia.

Minha chegada à COREMU, no final de julho de 2021, foi marcada por grande apreensão. Eu já tinha ciência dos inúmeros desafios associados ao desenvolvimento dos programas e, ao mesmo tempo, desconhecia a dinâmica dos processos internos. Assim como em outras experiências na minha trajetória na UFU, o início das atividades à frente da Comissão apresentou-se como uma etapa particularmente exigente.

Logo no início da gestão, além da saída da então coordenadora ao término de seu mandato, deparei-me com uma secretaria desestruturada, sem os dois secretários habituais: um havia sido recentemente transferido para outro setor e a outra encontrava-se em licença-maternidade. A diretoria da unidade acadêmica à qual a COREMU está vinculada, a FAMED, gentilmente cedeu, em caráter temporário, uma funcionária de empresa terceirizada para prestar apoio. No entanto, essa colaboradora afastou-se por motivos de saúde após apenas 15 dias e não retornou à unidade.

Entre agosto e novembro de 2021, as atividades administrativas foram realizadas por aproximadamente oito colaboradores terceirizados, que se revezavam em um fluxo constante de entradas e saídas, sem tempo hábil para se familiarizar com as demandas do setor. Tratava-se, em sua maioria, de profissionais alocados temporariamente, muitas vezes em substituição a colegas em férias ou remanejados após passagens por outros setores da instituição, onde, por diferentes motivos, não haviam permanecido. Agravando esse cenário, não foi possível contar com qualquer apoio da secretaria em licença, o que me deixou responsável por todas as atribuições da Comissão. Assim, além de compreender os processos e localizar arquivos, assumi atividades administrativas e o treinamento de cada novo colaborador temporário. Após intensas tratativas com a Reitoria e a Direção da unidade, foi possível, além de uma

terceirizada, a designação de um servidor efetivo que iniciou suas atividades em maio de 2022.

A presença de funcionários terceirizados tem se tornado cada vez mais comum nas universidades públicas. Embora não se possa afirmar que servidores efetivos sejam, necessariamente, mais eficientes, sua vinculação estável à instituição, maior qualificação e probabilidade de permanência no cargo tendem a favorecer a continuidade e a qualidade do trabalho. Por outro lado, trabalhadores terceirizados, em geral, recebem salários mais baixos, enfrentam jornadas mais extensas e atuam em condições laborais menos favoráveis, o que pode gerar insegurança e precarização das relações de trabalho.

Atualmente, a UFU oferta sete programas de residência multiprofissional, contemplando as áreas de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Odontologia e Serviço Social, além de doze programas uniprofissionais em área da saúde, como Enfermagem, Medicina Veterinária e Odontologia. A Comissão de Residência Multiprofissional em Saúde (COREMU), órgão responsável pela deliberação sobre esses programas, está vinculada administrativamente à FAMED, o que implica a obrigatoriedade de submeter suas decisões ao Conselho da Unidade. Essa configuração institucional tem gerado impasses, sobretudo ao deliberar sobre programas que extrapolam o campo da Medicina, limitando a autonomia da Comissão frente à diversidade de áreas envolvidas.

Além das atribuições estabelecidas pela Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde (CNRMS), a COREMU é, na UFU, responsável por todo o controle acadêmico dos programas de residência não médica. Entre suas funções estão a organização e centralização das informações acadêmicas, o gerenciamento dos processos de matrícula, transferência e conclusão, o registro da oferta de disciplinas e do desempenho discente, bem como a emissão de históricos escolares, certificados, declarações e atestados.

Também cabe à coordenação da Comissão planejar e supervisionar as atividades pedagógicas, promovendo constante articulação com os serviços de saúde da UFU e dos municípios parceiros para viabilizar cenários de prática que atendam às especificidades de cada profissão e programa, abrangendo toda a rede de atenção à saúde. Essa tarefa tem se configurado como uma das mais complexas e exigentes da minha atuação como coordenadora, dada a diversidade de áreas profissionais envolvidas e as diferentes demandas formativas. Viabilizar espaços adequados de

prática para cada categoria exige negociações contínuas, sensibilidade às realidades dos serviços e uma compreensão aprofundada das competências previstas no perfil de egresso de cada residência.

Essa interlocução torna-se ainda mais desafiadora diante da resistência de determinados serviços, notadamente na atenção primária, cuja política municipal em Uberlândia inviabiliza o ingresso de residentes. Soma-se a isso a dificuldade de manter preceptores devidamente qualificados, conforme as exigências da CNRMS, bem como a instabilidade quanto à aceitação do papel de supervisão. Observa-se, ainda, desconhecimento ou desvalorização, por parte de gestores dos serviços de saúde, de unidades acadêmicas e até mesmo da própria instituição, em relação à importância da residência multiprofissional e às suas especificidades. Um reflexo dessa realidade é a dificuldade histórica na emissão dos certificados de conclusão.

Desde a criação dos primeiros programas, em 2010, poucos certificados haviam sido emitidos até recentemente, alguns apenas por via judicial, sob alegação de ausência de dados referentes às atividades teóricas. Essa situação é agravada pelo fato de as atividades docentes na residência não estarem formalmente reconhecidas na carga horária de ensino, o que dificulta o engajamento dos professores na oferta de componentes teóricos obrigatórios. É recorrente que docentes ofereçam disciplinas em um período e, posteriormente, deixem de ministrá-las sem formalizar os registros, o que compromete o lançamento das informações nos históricos acadêmicos. Essa realidade impõe uma busca constante, a cada início de ano, por adesão individual de professores às disciplinas.

Ao longo de quase quatro anos, empenhei-me na sensibilização da gestão superior quanto à necessidade de institucionalizar os programas de residência. Minhas ações concentraram-se, especialmente, na regularização do controle acadêmico, no reconhecimento das atividades de ensino da residência como parte da carga horária docente e na corresponsabilização das unidades acadêmicas pela formação dos residentes sob sua supervisão. Trata-se de um esforço em prol do cumprimento das responsabilidades institucionais no que tange à infraestrutura e à qualificação docente, conforme determinações da CNRMS/MEC, e não de uma questão de ordem pessoal ou ideológica.

Ainda no primeiro ano da minha gestão à frente da COREMU, com o suporte técnico do MEC, obtivemos avanços significativos: regularizamos a situação de aproximadamente 1.500 egressos por meio da emissão dos respectivos certificados.

Desde então, temos garantido a entrega da documentação de conclusão em um prazo máximo de seis meses após o encerramento da residência, representando um importante marco na consolidação da COREMU como instância acadêmica estruturada e eficiente.

Uma conquista relevante à frente da COREMU foi a minha participação na Comissão Descentralizada de Residência Multiprofissional (CODEMU). Instituída no final de 2021 e regulamentada pela Resolução CNRMS nº 1, de 3 de março de 2022, a CODEMU configura-se como instância auxiliar da CNRMS, com atuação em nível estadual nas questões relativas à Residência Multiprofissional e em Área Profissional da Saúde. Sua composição inclui uma Diretoria Executiva, formada por presidente, vice-presidente e secretário, eleitos em plenária que é formada pelos coordenadores das COREMUs ou de programas de residência da respectiva unidade federativa e um representante dos residentes.

Fui eleita, em agosto de 2022, a primeira presidente da Diretoria Executiva da CODEMU-MG, no estado de Minas Gerais, sendo reconduzida ao cargo para um segundo mandato, em vigor até o momento. Essa atuação tem ampliado minha experiência na condução da COREMU que coordeno, além de possibilitar a representação das COREMUs mineiras nas reuniões plenárias mensais da CNRMS. Nessas ocasiões, levo à pauta demandas dos coordenadores do estado, atuo na defesa das comissões em casos de denúncia, colaboro na análise regulatória de programas por meio da emissão de pareceres sobre reconhecimento e recredenciamento de outros estados, e realizo visitas técnicas para diligências ou criação de novos programas. Todo esse conhecimento tem sido aplicado estrategicamente na melhoria da COREMU sob minha responsabilidade, cuja coordenação será concluída em julho deste ano.

Assim chego aos dias atuais, certa de que minhas experiências ainda tem muito a contribuir tanto para a universidade quanto para a sociedade. Permaneço movida pelo firme propósito de uma educação verdadeiramente transformadora e pelo ideal de uma universidade mais humanizada, plural e comprometida com o bem comum, livre de partidarismos e da influência nociva da politicagem em seus rumos institucionais. Nesse espírito, seguirei meu trabalho com o mesmo comprometimento, guiando-me pelas demandas que se apresentarem, sem jamais perder minha essência, preservando aquilo que considero meu traço mais distintivo: a coerência aliada à justiça.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha trajetória pessoal exerceu influência decisiva na constituição da profissional que me tornei. Desde a juventude, convivi com o desejo de liberdade e autonomia, ainda que nem sempre me sentisse plenamente preparada para os desafios que esse caminho impunha. As tensões entre os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres — como esposa, mãe e cuidadora do lar — e a aspiração de construir uma vida pautada pela independência estiveram constantemente presentes. Nesse contexto, adotei uma postura de elevada autoexigência, que se consolidou como um traço marcante da minha atuação profissional.

Essa rigidez contribuiu para minha intensa dedicação ao trabalho, traduzida em quase três décadas de atividade ininterrupta, interrompidas apenas por dois breves afastamentos por maternidade e, mais recentemente, por uma licença médica decorrente de fraturas. O trabalho sempre representou, para mim, mais do que uma fonte de sustento: é espaço de realização pessoal, expressão de valores e exercício de autonomia.

Contudo, a intensidade dessa entrega, somada à exigência contínua por desempenho e resultados, cobrou um preço importante. O acúmulo de responsabilidades levou ao desgaste físico e emocional, por vezes acompanhado de solidão e frustração. A expectativa de comprometimento absoluto, inicialmente dirigida a mim mesma, foi, em determinados momentos, estendida a colegas, dificultando relações mais empáticas e colaborativas. Com o tempo e a maturidade, comprehendi que cada trajetória é singular, e que o comprometimento se manifesta de modos diversos, moldado por histórias, limites e contextos distintos.

O enfrentamento de padrões impostos e a busca por uma prática profissional mais humanizada tornaram-se e permanecem centrais na minha caminhada. As experiências vividas fortaleceram meu propósito de continuar contribuindo com a universidade pública, com o ensino crítico e com a construção de espaços institucionais mais justos, inclusivos e atentos à complexidade da vida humana.

Ao encerrar este memorial, busquei apresentar, com honestidade e clareza, aspectos relevantes da minha trajetória no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão universitária. Cada vivência, inclusive as que ficaram pelo caminho, deixou marcas na pessoa que fui, que sou e que continuo a me tornar. Crenças, hábitos e

valores foram sendo ressignificados à luz das experiências profissionais e pessoais acumuladas ao longo dos anos.

Muitas decisões precisaram ser tomadas, cada uma exigindo escolhas que, inevitavelmente, implicaram renúncias. Como bem observa Mario Sergio Cortella, “não existe escolha sem exclusão. Se eu entendo a minha vida como resultante de opção livre, consciente, deliberada, intencional, todas as vezes que escolho, sei que deixo outras coisas de lado.” Essa compreensão sempre me acompanhou, especialmente nos momentos mais desafiadores, em que optei por caminhos que exigiram coragem, resiliência e entrega.

Acredito que minhas escolhas — conscientes, ainda que imperfeitas — foram orientadas por valores éticos, pelo compromisso com a formação de profissionais críticos e pela sensibilidade às demandas e contradições do nosso tempo. Cada decisão refletiu não apenas o que eu desejava construir no campo profissional, mas também a pessoa que me esforço, dia após dia, por continuar sendo: comprometida com o coletivo, aberta ao diálogo e disposta a aprender com a vida.

## ANEXO 1



Ministério da Educação

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

O Reitor *pro tempore* da Universidade Federal do Triângulo Mineiro confere a **Maria Angélica Oliveira Mendonça** o presente diploma de **Doutor em Ciências – Patologia Clínica**, com tese defendida e aprovada em 06/03/2009, tendo em vista que satisfez todas as exigências pertinentes a este grau, estabelecidas no Regulamento dos Cursos de Pós-graduação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidas pela legislação vigente.

Uberaba, 9 de março de 2009.

PROF. VIRMONDES RODRIGUES JUNIOR  
REITOR *PRO TEMPORE* DA UFTM

PROF. DALMO CORRÊA FILHO  
PROREITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UFTM

PROFA. ROSELI APARECIDA DA SILVA GÓMEZ  
COORDENADORA DO CPGP DA UFTM

Maria Angélica Oliveira Mendonça  
MARIA ANGÉLICA OLIVEIRA MENDONÇA  
DIPLOMADA

## ANEXO 2



### UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



Faculdade de  
Medicina Conselho da  
Faculdade de Medicina

Avenida Para, 1720 - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP  
38400-902 Telefone: 34 3225-8604 - Bloco 2U - Sala 23

### **PARECER Nº 29/2025/CONFAMED/FAMED**

**PROCESSO Nº** 23117.016308/2025-21

**INTERESSADO(S):** MARIA ANGÉLICA MELO E OLIVEIRA

**ASSUNTO:** Processo de promoção funcional na carreira docente  
Associada Nível IV para Titular nível I

Processo de promoção  
funcional na carreira docente  
Associada Nível IV para Titular  
nível I da docente Maria  
Angélica Melo e Oliveira

Senhora Presidente do Conselho da Faculdade de Medicina,

#### **I. RELATÓRIO**

O referido processo está composto pela seguinte documentação:

1. Requerimento de Progresso Funcional, Doc Nº 6174188.
2. Relatório de Atividades 2023-2025, Doc Nº 6174544.
3. Anexo de Assiduidade e Produtividade, 2023-2025, Doc Nº 6174550
4. Declaração de desempenho didático, 2023-2025, Doc Nº 6174552.
5. Comprovantes dos itens relativos à produtividade, DOCs Nºs 6174556, 6174562, 6174569, 6174574, 6174577, 6174580, 6174582, 6174584, 6174586, 6174590, 6174594 e 6174599.
6. e-mail FAMED enviado à requerente, solicitando despacho do processo para a Unidade FAMED, Doc Nº 6178828.
7. Portaria de Nomeação CADFAMED, Doc Nº 6181729.
8. Despacho 59, Doc Nº 6181746.

## II. FUNDAMENTAÇÃO

O pedido de progressão da requerente Maria Angélica Melo e Oliveira está em conformidade com a Resolução Nº 03/2017, do Conselho Diretor que regulamenta a avaliação docente no que se refere à Progressão, à Promoção e à Aceleração da Promoção nas Carreiras de Magistérios Superior e de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Pessoal Docente da Universidade Federal de Uberlândia, via avaliação de desempenho. Cabe ressaltar que o processo está atendendo especificamente, o Art. 5º, o Art. 6º, o Art. 7º e o Art. 8º, bem como o proposto no anexo II da referida resolução. A contemplação desses importantes indicadores na progressão, promoção ou aceleração na carreira, estão validadas pelos seguintes fatos: a última progressão da referida docente aconteceu em 10/03/2023, quando progrediu da classe Associada III para Associada IV. Nessa etapa promocional da carreira, o interstício de 24 meses está sendo respeitado, 10/03/2023 a 10/03/2025 e o período do relatório está compreendido entre 10/03/2023 a 10/03/2025. No processo, também há documentos que comprovam que no período do relatório a docente exerceu atividades de ensino, pesquisa e gestão, bem como declarações atestando sua assiduidade, produtividade e informações sobre a avaliação da docente pelo corpo discente. Outra informação bastante relevante é que a requerente contabilizou nesse período do relatório 2.358,10 pontos, pontuação bem superior a exigida pela Resolução Nº 03/2017, do Conselho Diretor, 1000 pontos, para ter o direito de pedir a promoção de Associada IV para Titular.

## III. CONCLUSÃO

Considerando todas as informações citadas na fundamentação do referido processo, salvo melhor juízo desse Conselho, sou **Favorável** à Promoção Funcional na carreira docente, classe Associado nível IV para Titular da docente Maria Angélica Melo e Oliveira.

À consideração superior.

Luiz Fernando Moreira Izidoro

Membro do Conselho da Faculdade de Medicina



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Fernando Moreira Izidoro, Conselheiro(a)**, em 26/03/2025, às 10:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_confirmar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_confirmar&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6198126** e o código CRC **DE202F79**.

## ANEXO 3

Boletim de Serviço Eletrônico em  
02/04/2025



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

## Conselho da Faculdade de Medicina

Avenida Para, 1720 - Bairro Umuarama, Uberlândia-MG, CEP  
38400-902 Telefone: 34 3225-8604 - Bloco 2U - Sala 23



## DECISÃO ADMINISTRATIVA CONFAMED Nº 73/2025

PROCESSO Nº 23117.016308/2025-21

REQUERENTE MARIA ANGÉLICA MELO E OLIVEIRA

RELATOR: LUIZ FERNANDO MOREIRA IZIDORO

Assunto: **Aprovação de parecer referente a promoção docente.**

Vistos, relatados e discutidos estes autos, o Conselho da Faculdade de Medicina, em reunião plenária, ante as razões expostas pelo Relator, **decide**:

Acolher o pedido formulado por **Maria Angélica Melo e Oliveira** de avaliação do processo de Promoção funcional na carreira docente de ASSOCIADO NÍVEL IV PARA TITULAR NÍVEL I, da referida docente, conforme constante no Relatório.

Data da sessão: 26/03/2025 - ordinária - 5ª reunião/2025.

Especificação de quórum: 18 votos favoráveis, nenhum voto contrário e nenhuma abstenção – aprovado por unanimidade o Parecer do Relator.

RENATA APARECIDA MENDES

Presidente pro tempore do Conselho da Faculdade de Medicina



Documento assinado eletronicamente por **Renata Aparecida Mendes, Presidente**, em 01/04/2025, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6211934** e o código CRC **481768FE**.